

Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII/5

Maio de 1987

Edição 365

ILUSTRAÇÃO
RUBENS
HEOSI - 81

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
COMPANHIA HERING
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.
SUL FABRIL S/A.
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
LOJAS HERING
COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial
TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
GRÁFICA 43 S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
MOELLMANN COMERCIAL S.A.
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.
BUSCHLE & LEPPER S.A.
CIA. COMERCIAL SCHRADER
JOÃO FELIX HAUER
MADEIREIRA ODEBRECHT
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS
MÓVEIS ROSSMARK S.A.
ARTUR FOUQUET
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
PAUL FRITZ KUEHNRIK
CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII/5

Maio de 1987

Edição 365

SUMÁRIO

Página

O "BALLET" em Blumenau — Edith Kormann	135
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	138
A História de Blumenau na correspondência dos imigrantes . . .	141
Subsídios Históricos — Coorden. e Tradução: Rosa Herkenhoff	146
Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini	148
A vida de um alemão no Brasil — H. Schauffler	153
Aconteceu... — Abril de 1987	164
Cobrança de impostos em Gaspar	165
Homenagem póstuma ao Dr. Fritz Mueller	167
Nosso novo objetivo	168

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 30,00 + 20,00 (porte) = 50,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

Prezado leitor e colaborador:

Este ano (novembro), a nossa revista estará chegando aos trinta (30) anos de circulação mensal ininterrupta. A iniciativa do saudoso José Ferreira da Silva criou substanciais raízes e aqui estamos.

Para podermos preservar esta importante publicação histórica, é preciso preservar os meios de sua confecção gráfica.

A nossa oficina gráfica está em boas condições. O que não está nada bem é a casa em que se acha instalada, com as paredes se desintegrando como conseqüência das duas enchentes que sofreu (1983/84).

Precisamos reconstruir a casa da nossa gráfica para garantir a circulação de nossa revista, pelos nossos próprios meios.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" está hoje integrada nas exigências da lei Sarney, relativamente às aplicações financeiras em favor da cultura em geral. Qualquer colaboração para a renovação desta casa gráfica, pode usufruir dos benefícios da declaração de renda. Precisamos de cinco a dez mil cruzados de cada um que nos possa ajudar. E a exemplo do que já ocorreu com o prédio da nossa Biblioteca, saberemos aplicar o auxílio financeiro que nos seja dado. Ajudem-nos! Nós corresponderemos a mais essa confiança!

A Direção

O "BALLET" em Blumenau

Edith Kormann

A necessidade de um curso de "ballet" se fez sentir em 1936, quando da apresentação da ópera "Preciosa" de Carl Maria von Weber. Na ocasião, a coreografia foi feita com as alunas da Associação Ginástica Blumenau, dirigida por Mathilde Frischknecht, sendo solista a senhorita Leder. Apesar do interesse do Maestro Geyer no funcionamento de um curso de "ballet", somente em 1945 o fato se concretizou quando foi realizada um "Noitada de Bailados", no dia 30 de junho, com coreografia idealizada por Lisel Klostermann e orquestra sob a regência do Maestro Heinz Geyer. Participaram da apresentação as alunas Ellen Rothschild, Eleonore Knoop, Ruth M. da Silva (que interpretaram bailarinas de 1860), Helge Herrmann, Ilse M. da Silva, Ilka e Ruth Renaux, Renate Werner, Ivone Niemeyer e Suzana Horey-seck, que dançaram a "Valsa Romântica" e "Pizzicato" de L. Delibes, "Danças Medievais" (Minueto Burlesco de Johann S. Bach-Martini-Couperin, "Valsa do Imperador" de Johann Strauss, "Bonecas Levianas" de O. Lorenzo Fernández e Savino Benedictis, "Modista da Viena Antiga" de Johann Strauss, "Namoro em Viena" de Josef Lanner, "Mazurka Clássica" de F. Chopin, "Tarentela" de St. Heller, "Dança Holandesa" de A. Lortzig, "Íôta" de L. Sopenna e "Dança Slava" de C. Friedemann. Os arranjos musi-

cais para "Ballet" estavam a cargo do Maestro Geyer e o guarda-roupa e cenários de Duja Gross. Com a criação do Conservatório de Música "Curt Hering", o "ballet" passou a fazer parte do Conservatório. Gertrud Smolka substituiu a Lisel Klostermann, fazendo a coreografia e desenhando os costumes para as programações do Teatro "Carlos Gomes". até o dia 21 de abril de 1951, quando apresentou o seu último trabalho com os temas das músicas: "Suite Oriental" de Popy, "Variação da Fada Açucarada", "Mirlitons" e "Trepak" de Tschaiowsky, "Clair de Lune" de Debussy, "Silvia Ballet" de L. Delibes, "Improptu" Sinfonia Op. 66 de Chopin. "Blanche et Noir" de Czibulka, "Borboletas" de S. Translateur e a "Dança das Horas" de Ponchielli.

No dia 18 de dezembro de 1951, o Conservatório de Música "Curt Hering" apresentou "Bailados" com coreografia e desenhos dos costumes de Inês Poller, e a orquestra do Teatro "Carlos Gomes" sob a regência do Maestro Geyer. A programação em duas partes apresentou na primeira, "Danças Clássicas" com músicas de F. Kreisler e Fr. Chopin. Na segunda parte, "Danças do Mundo": a) Brasil-fantasia do Brasil de Ary Barroso; b) América do Norte-Step de G. Boulanger; c) Espanha-minueto e farandolo de G. Bizet; d) Itália-tarentela de St. Heller; e) Holanda-dança holandesa de Cortzing; f) Alemanha-laendler de O. Fetras; g) Áustria-vals vienense de J. Strauss; h) Rússia-gopak de M. Mussorgski; i) China-pequena de F. Lehar; j) Hungria-danças húngaras de Brahms.

No dia 13 de novembro de 1952, o "ballet" marcou sua pre-

sença com uma programação de alto nível. Da ópera "Fausto" de Charles Gounod foram apresentadas danças do Bailado (Margarethe) e Canção. O terceiro número foi "Capricho Italiano" de Tschaikowsky. Na segunda parte foi apresentada a pantomima de Josef Bayer "A Fada das Bonecas". No dia 17 de dezembro de 1953, o tema dos bailados foi "O Livro de Contos". Com música de Franz Schubert foram apresentados: "A Branca de Neve", "A Bela Adormecida", "Joãozinho e Ritinha" e "Final", "Chapeuzinho Vermelho" com música de Bocherini, "O Gato de Botas" com música de A. Dvorak, "João Fel-pudo" com música de Fr. Prac-nico, "Cinderela" com música de Fritz Kreisler e "Juca e Chico" com música de Smetana. Na segunda parte foram apresentadas:

a) Valsa-Capriccio com música de Bosco; b) Grande Valsa Vienense de J. Strauss; c) Step de Samy Fain; d) Rapsódia Slava de Friedmann. Nos dias 16 e 17 de outubro de 1954, foram apresentados:

a) "Festa Galante a Noite" com música de Mozart; b) "Dança ao Luar" com música de Lorenzo Fernández; c) Suite Egípcia "com música de A. Luigini; d) "Polca "fantasia com música de G. Merkl-ing e d) "Casório Camponês" com música de Franz Schubert.

Bailados sob a direção de Inês Poller, orquestra sob a regência do Maestro Geyer e perucas históricas a cargo de Ruth Koschel.

Pelo 75.º aniversário da Cia. Hering, o "ballet" apresentou uma programação especial enfocando

o período 1850-1955 em Blumenau, em oito quadros: a) O Índio; b) Os primeiros imigrantes na floresta virgem; c) A primeira colheita; d) A primeira tecelagem (1880); e) O casalsinho da cidade; f) A jovem grã-fina de 1900; g) As crianças veraneando à margem do Itajaí-Açu em 1910; h) Valsa comemorativa ao jubileu.

Ainda em 1955, o programa "Bailado" apresentou em quatro quadros o tema "Um passarinho vive as quatro estações do ano" com música de Berlioz e Mendelssohn com apresentação no dia 18 de dezembro para adultos e dia 19, às 17 horas para crianças.

O "ballet" do Conservatório de Música "Curt Hering" também participou das apresentações da ópera "Anita Garibaldi" pelo Centenário de Blumenau nos dias 2, 4 e 6 de setembro de 1950, e nos dias 7 e 9 de dezembro de 1956, com a participação dos alunos Karin Frischknecht, Ludwig Eschenbach, Gudrum Kalvelage, Mara Probst, Carmen Schroeder e Fly Wachholz". Em 1957 na apresentação em São Paulo atuaram cantores, coral e corpo de baile do Teatro Municipal de São Paulo, porém nos dias 1.º, 3 e 6 de junho de 1963, na reapresentação da ópera, sob a regência de Bruno Roccella, participou o "baile" do Conservatório.

Em 1958, o tema dos "Bailados" das alunas do Conservatório, dirigidos por Inês Poller foi na primeira parte: "Clássico Divertissement" com músicas de Delibes, Gounod e Ponchielli, apresentando as cenas "Ao Despertar

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

da Primavera", "Dança do Sol", "Dança da Primavera", Dança Alegre", "Sonho na Primavera", Rendez-vous", "Passatempo Primavera", e "Dança ao pôr do sol". Na segunda parte foram apresentadas "Rapsódias Húngaras" com música de Franz Liszt. O tema da primeira parte do programa "Bailados" apresentados nos dias 4 e 5 de julho no Teatro "Carlos Gomes", foi "Suite de L'Arlesienne" com música de Bizet e as cenas: "Prélude", "Minuet", "Adagietto", "Carillon" e "Farandole". Na segunda parte foi apresentada "A Fada das Bonecas", pantomima de Josef Bayer. Nos dias 17 e 18 de setembro de 1960, os alunos de "ballet" apresentaram os temas "Concerto Clássico" com música de Johann S. Bach; "A Moldávia" com músicas de Smetana e "O Pequeno Bosque de Mara" com músicas de Mendelssohn-Bartholdy (Sonho de uma noite de verão).

Inês Poller, apresentou o seu espetáculo de despedida no dia 9 de setembro de 1962 com músicas de W. A. Mozart (Pequena Serejata Noturna) e Pablo M. Sarasate (Festa das Flores). Foram ainda apresentados solos para piano, cítara e violino, com a participação da orquestra sob a regência do Maestro Geyer e cenários de Victor Hausmann.

Em "Viva o Ministro", opereta apresentada nos dias 5 e 6 de novembro de 1965, o Corpo de Baile esteve a cargo de Zuleika Lauterjung e Iris Colin. Mara Probst, ex-aluna de "ballet" do Conservatório de Música "Curt Hering" foi para o Teatro Municipal de São Paulo para aperfeiçoar-se. Depois de dois anos, Mara voltou para Blumenau como professora de "ballet" do Conser-

vatório e coreógrafa do Teatro "Carlos Gomes", apresentando seu primeiro espetáculo no dia 7 de dezembro de 1966 (Quadros Históricos do Desenvolvimento do Brasil). A última apresentação de "ballet" coreografada por Mara com a participação da batuta do Maestro Geyer foi no dia 20 de dezembro de 1970, e sem a batuta de Geyer, sua última apresentação, foi no dia 26 de novembro de 1971. Em agosto de 1972, Pauline Springer assumiu o "ballet" e Mara continuou trabalhando até junho de 1973, quando foi dispensada, apesar da longa folha de ótimos espetáculos artísticos apresentados.

Pauline Springer, sofreu as consequências do contrato não cumprido pelos dirigentes do Teatro "Carlos Gomes", sendo forçada a demitir-se, ficando o teatro alguns anos sem coreógrafo. Em 1979, Ingo Hering esteve em Augsburg na Alemanha e lá entrou em entendimentos com Pedro Dantas Rodrigues, solista do Teatro de Augsburg. O último trabalho de Pedro em Augsburg foi em setembro de 1979, quando foi contratado por Ingo Hering para trabalhar no Teatro "Carlos Gomes" com vantagens e regalias que não foram cumpridas, levando Pedro a exigir seus direitos, com o que não concordou Dieter Hering, obrigando Pedro a assinar sua demissão. Pedro, artista nato, não esmoreceu fundando o "CIDAI" (Centro Internacional de Dança e Artes Integradas) que foi inaugurado em 1.º de agosto de 1982. Pedro, além de coreógrafo é artista plástico de grande sensibilidade comprovado pelas belas obras existentes no CIDAI. Artista internacional, Pedro, além de atuar no Teatro Municipal de

São Paulo, atuou também no Teatro Comunal de Bologna, Teatro Máximo de Palermo, Teatro La Fenice de Veneza, Teatro de Vestfália, Teatro de Oldenburgo e Augsburg. Em Augsburg foi regente de classes de alunos excepcionais. Apresentou-se na Jugoslávia, Turquia, Grécia, Japão, Israel, Rússia, África do Sul, Inglaterra, Portugal, Espanha e toda a América. No Brasil, desenvolve

seu trabalho com muita disciplina e nobreza. Fez três anos de especialização de pintura acadêmica, escultura e modelagem em Veneza.

Com a demissão de Pedro Dantas Rodrigues assumiu o "ballet" do Teatro "Carlos Gomes", Ursula Jonen, ex-aluna de Mara Probst Schloegel, Paulina Springer e Pedro Dantas Rodrigues.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

— A cousa mais séria que lamento são os livros de valor que recebo, e sobre os quais não tenho tempo de dar notícia. São tantos que não me é possível atendê-los logo: e os seus autores hão de julgar que não o faço por descaso, desdém ou orgulho. Enfim, essa literatura é para mim um tormento. Vou deixá-la.

— Qual o quê! Você só a deixará com a morte!

O queixoso olhou o céu, através da janela do aposento, e disse com mágoa:

— Talvez nem assim...

(Lima Barreto)

É louvável o esforço com que a Professora Zélia de Andrade Lemos vem se entregando aos estudos históricos, procurando recuperar e preservar os acontecimentos do passado. Seu livro "Curitibanos na história do Contestado" foi bem recebido e se encontra em segunda edição. No ano passado ela deu a público mais um volume, desta vez o depoimento de seu tio Alfredo de Oliveira Lemos, relatando os acontecimentos havidos ao "tempo dos fanáticos", por ele testemunhados ou sabidos, na época ou após. "A história dos fanáticos em Santa Catarina e parte de minha vida naqueles tempos — 1913/1916", apesar do mau título, é uma narrativa interessante, realizada por um homem pouco afeito aos escritos e que reconstitui a verdade de muitas passagens, proclamando inclusive a inocência do autor em face de acusações que resultaram em sua prisão pelo Exército. Afirma e co-autora

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade Inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense

que o original desse documento histórico e biográfico “serviu de base para a obra “Messianismo e conflito social”, de Maurício Vinhas de Queiroz, um clássico no assunto, o que valoriza sobremaneira a publicação. Embora seja às vezes um tanto confuso, o livro é um prato cheio para os aficionados do tema e mais um título a respeito do Contestado. Ainda que seja uma narrativa linear e revele uma visão maniqueísta e conservadora da história.

— . — . — . — . — . — . —

Dois livros recentes, ambos publicados em outros Estados, contemplam aspectos de minha modesta obra. — “A literatura em Santa Catarina” (Editora Mercado Alberto — P. Alegre — 1986), de Jane-te Gaspar Machado, faz o seguinte comentário:

“Enéas Athanázio — Também nesse escritor a paisagem de Santa Catarina divide com as personagens a função narrativa. A paisagem não é presença exclusiva, mas atuante e indispensável. Seus contos, a exemplo do que fazem Guido Wilmar Sassi e Tito Carvalho, fixam os campos de Lages e o oeste catarinense, donde retira as personagens, seus costumes, valores culturais e fatos pitorescos. A evolução do autor entre os seus dois primeiros livros de contos — “O Peão Negro” e “O Azul da Montanha” — e o terceiro — “Meu Chão” — é considerável, revelando domínio do gênero em que atua. O pitoresco da linguagem, da paisagem e das personagens ainda se sustenta. Todavia, o cuidado com os detalhes plásticos e com elaborações estruturais das seqüências temporais transfigura os elementos regionais manipulados, construindo situações que chegam ao que convencionou chamar de realismo fantástico. Do que se pode concluir que, para Enéas Athanázio, o mundo rural é dotado de possibilidades universalizantes e se presta à elaboração estética.” (p. 66).

Ao contrário de tantos críticos, admite a autora que pode o regionalismo casar-se com outras tendências, pois que — como tenho sustentado tantas vezes, e sem sucesso — as limitações dessa escola não estão nela mas nos seus filiados. Ainda que breve, o comentário da ensaísta é penetrante e constitui um passo além dos que costumam aparecer.

O segundo livro é “Os dias memoráveis” (Eda Edt — Rio — 1987), de Ascendino Leite, um dos grandes memorialistas das letras nacionais. Diz ele:

“Outro telefonema: desta vez da minha cara Luisa Martinez, escritora de verdade. Chegara há pouco de uma reunião no Liceu Literário Português e lá tivera conhecimento do belo artigo que o Enéas Athanázio fizera publicar, outro dia, no **Jornal do Comércio**. — Meus parabens — disse — o artigo estava sendo lido e aplaudido lá com muito calor. Inclusivamente pelo distinto camarada que me deu a ler e que é um fervoroso admirador de sua obra literária. Sou tão pantófo em relação a essas coisas que, em ouvindo tais delícias, quase tenho medo de que não sejam verdadeiras.” (p. 190).

Em outra passagem:

“Artigo de Enéas Athanázio, notável publicista catarinense, no **Jornal do Comércio** de hoje, me toma como tema literário e me faz um louvor generoso, com achegas de caráter biográfico. O meu caro e admirável general Lyra Tavares, historiador e acadêmico, colaborador permanente daquele órgão, que leu o artigo e me honra com o seu apreço pessoal, me telefona: — Vi o seu nome no título e, como há tempos não nos vemos nem nos falamos, foi aquela impressão de obituário. Correto. Tal impressão também me passou pela cabeça. É que vivo sob o temor dos necrológios do Montello.” (p. 252).

Vivendo e aprendendo: artigo sobre escritor vivo não deve ter seu nome como título. Pode causar impressão não desejada.

— . — . — . — . — . —

Jorge Azevedo, veterano escritor mineiro, envia-me o seguinte recado:

“Conquanto já tenha agradecido seus livros “Erva-Mãe” e “Presença de Inojosa”, nestes três dias tive o prazer de os reler, deliciando-me com os seus contos e sofrendo à lembrança de nosso inesquecível Joaquim Inojosa que, pela sua projeção e autêntico valor, que o seu livro tão bem focaliza, não mereceu da nossa imprensa — tão generosa para com figuras medíocres — a consagração esperada.”

É triste, mas é verdade.

— . — . — . — . — . —

“Anotações do front italiano” (Fundação Catarinense de Cultura — Florianópolis — 1984), de autoria de Ferdinando Piske, acaba de chegar às minhas mãos. É um tema cativante e há de merecer um comentário especial, como sugere seu ilustre autor.

— . — . — . — . — . —

Estive presente no festejo do primeiro ano de vida do “Papa Livro Clube”, no Restaurante Cabaña, em Florianópolis. Afóra a exposição de algumas vaidades (oficiais ou não), inevitáveis em eventos dessa natureza, a festa foi positiva e justo o regozijo dos inventores e diretores da instituição. O sistema é interessante e merece o apoio dos leitores e dos escritores também. Espero estar presente nas comemorações dos próximos aniversários, mesmo que lá estejam as inevitáveis vaidades que, a rigor, nada têm com as letras mas vivem borboleteando a seu redor. Parabéns ao “Papa Livro Clube”!

— . — . — . — . — . —

Está circulando mais um número da revista “Ágora”, órgão da

MAJU

Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense.

Associação de Amigos do Arquivo Público do Estado (n.º 4, dezembro de 1986), contendo trabalhos de Ana Lúcia Coutinho Locks e Valéria Gouveia Ghanem, Ilka Boaventura, Edison Muller e Walter F. Piazza. Com excelente feição gráfica, a publicação contém trabalhos atraentes para os que se dedicam às atividades do setor. Walter F. Piazza é o presidente e Iaponan Soares de Araújo o 1.º Vice da Associação.

— . — . — . — . — . — . —
“As idéias lingüísticas de Mário de Andrade” (Editora da UFSC — Florianópolis — 1987), de Leonor Scliar Cabral, foi lançado no hall da Reitoria da Universidade, com a presença de expressivo público.

A HISTÓRIA DE BLUMENAU NA CORRESPONDÊNCIA DOS IMIGRANTES

Lichtenburg e Itajaí Grande, iniciada em 26 de outubro de 1853.

Recebido em 21 de janeiro de 1854.

Respondido em 28 de janeiro de 1854.

3a. carta.

Querido e amado pai!

Não se zangue se agora já escrevo outra vez. Se não fosse esta excelente oportunidade eu também não o faria. Caso estas remessas por navio lhe saiam muito caro, me faça saber; assim as outras enviarei por veleiro. Minhas últimas cartas de setembro já deves ter recebido. Fico feliz em lhe comunicar que já tenho uma família comigo. O homem tem 28 anos, é forte e trabalhador, com o qual estou muito satisfeito. Sua esposa é 6 anos mais velha porém também trabalhadora.

Chegaram no dia 9 de outubro. Como não têm filhos, com maior cuidado e dedicação cuida dos afazeres da casa. Esta família já morou por 2 anos e meio em “Dona Francisca”, mas lá não conseguiram o que os fez realmente emigrar. Chegaram aqui

com algumas dívidas e a mulher, devido ao clima insalubre de lá, estava quase sempre doente. Contratei o casal pelo período de 9 meses e pago ao homem, no primeiro mês 6, no segundo 7 e a partir do terceiro mês 8 mil réis, se continuar tão trabalhador como agora. A esposa recebe no primeiro mês 4 e a partir do segundo 5 mil réis se continuar a cuidar bem da casa. Este agora é um contrato que sob o aspecto daqui é muito vantajoso, pois um bom operário recebe mensalmente 10 e às vezes 12 mil réis ao mês. Um senhor que veio no mesmo navio que nós, trabalha agora para Dr. Blumenau, Schramm e Tappel e já recebe por mês 8 mil réis, mais comida. Isto nos 9 meses é um gasto de 113 mil réis e os 44 que ganha a mulher eu poderia ter economi-

zado, mas se calculo o que gastava em roupa com os operários e eu ainda tinha que cozinhar e cuidar da casa, é uma economia. Ela também cuida da horta, plantação de batatas, o que já é um trabalho a menos para mim. Desta forma posso dedicar-me integralmente aos trabalhos no campo e vigiar sempre os operários. Ainda tenho um operário, o Sr. von Sechausen, um elemento preguiçoso e inútil ao qual prometi 4 mil réis ao mês, mas devo ficar com ele só mais 14 dias.

Dentro de alguns dias espero a chegada de mais dois homens de "Dona Francisca". Assim terei uma despesa de 177 mil réis em 9 meses, mas compensa em relação a despesa que eu tinha com os outros trabalhadores. Precisamos iniciar logo a nova derrubada da mata que pretendo, em fevereiro, plantar com cana-de-açúcar, batatas e feijão.

Estou satisfeito por ter uma mulher à frente dos afazeres domésticos, pois já há 14 dias não pude mais trabalhar na roça. Sofro com a aclimatização, e já todas estas semanas não calcei nem meias e muito menos sapatos. Meus pés estão enrolados em panos e com dificuldade posso ir até o jardim. O corpo está coberto por abscessos e sinto dores de cabeça e fraqueza.

Fico tranqüilo lembrando o conselho que Hermann me deu quando parti. Ele teve razão quando disse que muitas novidades cairiam sobre mim mas meu espírito atenderia com argúcia. Aproveite bem o início, pois de-

pois virá um tempo de cansaço e depressão. Isto aconteceu comigo e se não tivesse aproveitado bem o início, agora estaria deprimido e preocupado com os compromissos. Mas estou confiante no futuro e aceito meu destino.

Na minha propriedade tudo corre bem, depois de ter passado alguma dificuldade. Temos muito trabalho, principalmente agora, porque em setembro e metade de outubro, choveu pelo menos 3 dias por semana. Mesmo que nestes dias de chuva não precisasse pagar os operários mas eu tive que alimentá-los.

Como agora tudo aumentou de preço, o que não acontecia a 12 ou 14 anos, você pode calcular que esta despesa foi um rude golpe para mim. Mandá-los embora também não podia porque moram longe daqui, quase um dia de viagem. Agora, porém, que este casal está aqui comigo eu os dispensei. Trabalhadores que já estão no país a alguns anos, dificilmente trabalham por pouco dinheiro. Já há 8 dias o tempo está bom e eu espero poder terminar todo o trabalho no tempo certo. Quero plantar na roça 200 pés de café e entre eles batatas e uma certa quantia de milho (trigo turco). A minha horta está bem florida, alguns trechos sofreram com a invasão de formigas e outras pragas.

No entanto, já posso contar com ervilhas, lentilhas, rabanetes, etc. Também tenho couve-flor e cenouras. As batatas que trouxe da Alemanha apodreceram na

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

caixa. Centeio e trigo só vou plantar em março.

No que se refere aos outros cidadãos de Braunschweig tenho o seguinte a dizer: Paul e Adolph Kellner trabalham muito em sua propriedade e estão plantando agora batatas e milho. Creio que Paul pretende instalar ali um moinho, pelo menos foi o que eu entendi. Creio que será um bom negócio. Von Seckendorf de Schoeningen, von Peine de Säckte e Wendenburg, de Wolfenbüttel, arrendaram terras do Dr. Blumenau. O que colherem nos próximos 5 anos será deles; depois terão que devolver a terra. Não precisam pagar nada de aluguel e Dr. Blumenau tem a vantagem de ver sua terra limpa e trabalhada. Eles moram bem em frente ao centro da cidade na margem esquerda do rio. No que diz respeito a von Seckendorf, este agora reconheceu que para sobreviver é preciso trabalhar, e acabou sendo reconhecido por todos e Dr. Blumenau está bem satisfeito com ele. Von Peine também trabalha muito dedicado e cada dia está mais gordo.

Espero que você já tenha conseguido uma família para mim, pois trabalhar um ano e meio pela viagem é barato para ambas as partes.

Gaertner, de Blankenburg e Sallentien moram cerca de 1 dia e meio de viagem, não muito distante da barra e fazem ótimos negócios.

Se você conseguir a família e eles chegarem aqui abaixo de 70 Thaler é quase impossível e se o casal em 1 ano e meio trabalhar por esta soma está mais do que bem pago. Eu preciso tirar proveito porque é meu investimento. Depois deste tempo ainda podem

trabalhar para mim como operários até que tenham economizado o suficiente para comprar seu próprio lote.

Eu penso que quando Nahrwold chegar comprará mais um pedaço de terra, cerca de 336 Morgen, que fica localizado entre minha propriedade e a de Paul. Eu poderia comprar esta terra por apenas 400 mil réis e instalar futuramente ali as famílias que chegarem. Esta terra posso ceder a eles por um preço bastante amigável. Talvez lhe dê 100 Morgen a cada um e pelo preço trabalham na minha propriedade. É uma forma fácil e conveniente para ambas as partes. Nahrwold e eu teremos mais tarde a vantagem de ter vizinhos próximos e também operários. Outra vantagem é de ter pessoas para trabalharem em dias de bom tempo e se o tempo estiver ruim ficam em sua própria casa.

Ainda espero sempre a vinda de Stiene. Sei que no primeiro meio ano sentirão muita falta do modo de vida da Alemanha, mas depois de aclimatizados e acostumados à comida daqui, vão se sentir muito bem.

Será que não é uma proposta boa, chegando aqui e ter sua própria casa e encontrando bons patrões? Estas oportunidades nunca lhes seriam oferecidas na Alemanha. Ficar amedrontados pelos comentários dos Starkens, acho uma tolice e eles são inteligentes demais.

Infelizmente só hoje, dia 8 de novembro, posso continuar a minha carta, pois devido ao meu estado de saúde tão precário, não foi possível fazê-lo. Até o presente momento a aclimatização me deu muito trabalho e colocou-me

na impossibilidade de fazer qualquer trabalho. Somente agora tendo uma auxiliar em casa e eu a oportunidade de descansar, vejo agora alguma melhora. Espero estar bom para ajudar no preparo da roça dentro de 14 dias. Foi bom que a aclimatização veio. Assim, do corpo são eliminadas todas as toxinas nocivas e, estarei melhor preparado para enfrentar as doenças tropicais. Sem isso dificilmente um alemão passa.

Com meu trabalho esta semana estarei pronto. A plantação de cana foi limpa, o milho plantado. Ainda terei alguns dias para preparar o galinheiro e o chiqueiro. As galinhas são muito importantes para mim porque assim terei sempre ovos frescos.

Além disto o corpo neste clima quente exige, de vez em quando, uma alimentação mais consistente, do que sempre polenta e feijão.

A horta não nos forneceu muitas hortaliças devido a seca. O tempo atualmente é em verdade estranho. Primeiro muita chuva e agora seca. Os preços sobem constantemente e é impossível alimentar um homem por meio mil réis ao dia.

A arroba do café que há 4 semanas passadas comprei por 4 mil réis, hoje preciso pagar 6 mil réis. Por uma arroba de carne seca, 14 dias passados, paguei 5 mil réis e hoje se compra a 6 1/2 mil réis.

A minha roça de 5 morgen pretendo preparar nos próximos dias com meus dois operários e espero estar completamente resta-

belecido até então. Fiquei muito contente ao saber que Dr. Blumenau presenteou um fundidor de cobre com um terreno vizinho ao meu. Este terreno tem exatamente 100 Morgen. É um jovem de 25 anos, humilde, bastante culto e já o conheci no navio. Ele ficará uns dias hospedado em minha casa até que possa construir sua cabana na outra margem do rio.

Minha propriedade agora valorizou-se por pelo menos 100 mil réis. Principalmente porque o vizinho mais próximo não está duas horas distante e sim bem perto. Ao mesmo tempo tenho a vantagem de que ele, como soldador de cobre, pode fazer reparos possíveis para mim.

Sim é verdade, o Dr. Blumenau é realmente um homem excelente, o que já frisei em cartas anteriores. Estimo este homem como a um irmão. Representa para mim uma verdadeira felicidade e transmite tranqüilidade. Dr. Blumenau presta tantas gentilezas e sempre está pronto para conselhos. Sinto orgulho de tê-lo como amigo. Ele lhe escreverá desta vez só uma curta missiva. Na próxima dará mais notícias.

Um novo transporte de 80 imigrantes chegou em 29 de outubro a São Francisco. Creio, no entanto, que eles ficarão ali mesmo. A persuasão ardilosa e intrigante da direção é por demais convincente.

Ah! se eu pudesse falar, se eu não estivesse preso a uma promessa feita ao Dr. Blumenau em não tocar na Colônia Blumenau, eu abriria a boca para contar a

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

todos como aquela vil diretoria trata os pobres alemães que vêm para aquela colônia. Como é que o diretor von Frankenburg tem a coragem e atrevimento de divulgar tamanhas mentiras em jornais, como por exemplo, uma plantação de 1 morgen com rícino, no fim de 1 ano daria um lucro positivo de 1000 Thaler? Diz ele que a Colônia "Dona Francisca", em pouco tempo, superaria a cidade de Nova York. É sabido que a direção fez a violação de toda a correspondência, permitindo apenas chegar ao destino aquelas cartas que fazem elogios da colônia. As outras são queimadas.

Em "Dona Francisca" a maioria das pessoas que chegam estão perdidas, mesmo que tragam maiores recursos financeiros. Precisam investir muito na terra que lhes rende muito pouco e após dois anos estão infalivelmente falidos. Bem, creio que já disse o suficiente para todos conhecerem bem a direção de lá.

Além deste navio com imigrantes, esperamos mais outro este ano. Lamento apenas que as pessoas cheguem já com o calor muito forte. Terão muito mais dificuldade com a aclimatização e a luta contra os insetos. É bem melhor chegar nos meses de inverno. Por esta razão é importante que Nahrwold e outras pessoas que porventura quiserem vir, partam de lá no início da primavera.

O meu pedido na carta anterior sobre o envio de 300-400 Thaler, você querido pai, certamente considerou. Voltando a falar nos 500 Thaler que você teria que pagar à mãe de Paul, na Páscoa, só precisas fazê-lo dentro de um ano ou até mais tarde. No entanto terá que colocar a juros o capital de acordo com as leis em vigor.

É portanto fácil a você remeter para mim sem dificuldades mais 300-400 Thaler. Exijo, no entanto, que você não retenha mais do que 5% de juros.

Caso Paul futuramente ainda precise de dinheiro tenho possibilidade de emprestá-lo e você pode abatê-lo dos 500 Thaler. Os restantes 400 mil réis já paguei a ele. Se eu não tivesse tido que fazer tão volumosa compra de mantimentos, como feijão, batatas e outras plantas, certamente meu dinheiro daria até junho. Mas com a situação atual só chegarei até março. Se possível envie o dinheiro logo.

Remeta o dinheiro, como foi pedido por Dr. Blumenau, a Schroeder, em Hamburgo, que enviará o mesmo pelo próximo navio.

Tenho certeza, querido pai que empregarei o dinheiro em coisas úteis e proveitosas e dentro de dois anos o devolverei.

De posse do dinheiro terei possibilidade de continuar meu trabalho, mesmo que Nahrwold não venha logo. Poderei então vender parte de minhas terras. Do contrário já terei que fazê-lo agora e por um preço bem baixo, para obter dinheiro. A 12-18% não quero emprestar dinheiro nenhum. Se Nahrwold vier que traga todo o seu dinheiro, que pode trocá-lo em Hamburgo. Notas promissórias são muito incertas e se o dinheiro chegar através da casa Schroeder, no Rio de Janeiro, demora. Dr. Blumenau, às vezes, tem que esperar muito tempo para recebê-lo.

Dr. Blumenau teve a gentileza de enviar-lhe uma assinatura de um pequeno jornal editado em Hamburgo. Ali ele publica artigos contra a infeliz emigração de

Alemães para a América do Norte e esclarece sobre as vantagens de uma emigração para o Sul do Brasil.

Peço ao Senhor continuar com a assinatura deste pequeno jornal, no qual deverei publicar inclusive alguns artigos. Naturalmente todos eles em favor da obra do Dr. Blumenau. Quando nas noites de inverno estiverem sentados em volta da lareira podem ler sobre as impressões de seu filho a respeito da colônia. Também peço mostrar o mesmo a todas as pessoas que pretendam emigrar

Quando você receber esta carta, certamente já será janeiro e o tempo bastante frio. Lembrem-se porém que estarei sempre presen-

te nas reuniões familiares. Meus pensamentos estarão igualmente com vocês no natal.

E nós, cidadãos de Braunschweig, radicados aqui, faremos uma gostosa bowle de ananás e brindaremos a vocês e ao novo ano. Desejo a todos vocês tudo de bom para o novo ano e não se preocupem comigo. Eu estou bem, tranqüilo e satisfeito. Com certeza no natal também receberemos cartas de vocês.

Hermann, Marie e Emilia desta vez não receberão cartas; desculpem queridos irmãos. Lembrem-se a todos que se lembram e perguntam por mim.

Um abraço carinhoso deste seu filho

Julius

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do "Kolonie-Zeitung" (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 2 de dezembro de 1865:

Santa Catarina. — Do Desterro nos escrevem que todas as tropas ali estacionadas, inclusive os voluntários alemães, deverão seguir sem demora para o Sul. O embarque das tropas deveria ter lugar a 26 de novembro p. p.

O Sr. von Gilsa foi nomeado major, o sr. von Seckendorf capitão, o sr. Odebrecht tenente, o sr. W. Hoffmann alferes. A companhia alemã se compõe de 87 homens.

Notícia de 9 de dezembro de 1865:

Dona Francisca. — Aniversário do Imperador. O dia 2 de dezembro já é dia de festa para Joinville, um dia de festa geral, na opinião de toda a população e é sempre comemorado da mesma maneira, todos os anos. Durante o dia, pouco se percebe. Cada um, como de costume, cuida de seus afazeres até o momento em que o sol declina atrás dos "Montes Azuis", mas quando a noite começa a descer sobre a região, foguetes e fogos de artifício sobem aqui e acolá, anunciando o significado do dia. As casas de Joinville se enfeitam ao clarão de luzes e suas janelas iluminadas e ornamentadas de flores

e folhagens diversas, brilham como olhos rutilantes, refletindo a alegria de seus moradores e transmitindo o ar de festa à massa popular, que acorre de todos os lados da Colônia. Às 8 horas mais ou menos, rufam os tambores em frente ao Restaurante Ravache. Todos acorrem ao local, os ginastas se preparam, acendendo os seus archotes, e ao som da banda de música se inicia a marcha festiva pelas ruas principais de Joinville, com a participação de enorme massa popular, que vai aumentando de rua em rua, aqui e ali recebida com foguetes e fogos de artifício, sempre retribuídos com júbilo pelo povo, até a volta do préstito ao Restaurante Ravache, onde, sob três vivas estrondosos ao Imperador e ao Império, os archotes são amontoados para uma grande fogueira e no salão tem início o baile que vai até a madrugada do dia seguinte.

Notícia de 16 de dezembro de 1865:

Dona Francisca. — Os exames deste ano dos alunos do Colégio Público local se realizaram sob a inspeção do Sr. Diretor Dr. Haltenhoff e dos srs. O. Niemeyer e E. Trinks, nos dias 1, 4 e 5 de dezembro. Começaram no dia 1.º de dezembro na Escola Masculina de Joinville, dirigida pelo Sr. P. Boegershausen, na qual, além dos meninos, também várias meninas freqüentam as aulas. Nessa escola se matricularam no corrente ano, 115 alunos e alunas, dos quais deixaram de freqüentar as aulas, sete alunos. O aproveitamento dos alunos, em geral, como no particular, foi satisfatório.

No dia 4 de dezembro realizou-se o exame na Escola Feminina de Joinville, dirigida pela professora Madame Palm. Na mesma se matricularam 101 meninas, das quais 10 se retiraram durante o ano letivo. Também nessa escola o aproveitamento foi satisfatório. Deve-se ressaltar que quase todas as alunas conseguiram habilidades fora do comum na matemática e na caligrafia, fato esse que se deve à atuação do professor Martin Meister.

Os exames realizados no dia 8 de dezembro por uma comissão examinadora na escola particular da Estrada da Ilha, com participação dos alunos da escola de Pedreira, tiveram resultados muito satisfatórios. A escola da Estrada da Ilha conta com 44 alunos de ambos os sexos e a escola particular de Pedreira com 32 alunos de ambos os sexos. Nas duas escolas exerce o magistério o Sr. Pastor Feinauer.

Notícia de 16 de dezembro de 1865:

Dona Francisca. — No dia 8 de dezembro, Dia de Nossa Senhora da Conceição, 20 crianças fizeram a primeira comunhão na igreja católica de Joinville, sendo 8 meninos e 12 meninas.

Notícia de 23 de dezembro de 1865:

Dona Francisca. — Imigrantes. No dia 15 do corrente entrou no porto de São Francisco o veleiro "Franklin", comandante Pöndt, de Hamburgo, após 66 dias de viagem, com 191 passageiros, dos quais 49 se destinam a Blumenau e 142 à nossa Colônia, os quais aportaram no dia seguinte em Joinville, sendo muito bem recebidos. Infelizmente, falta um passageiro, pois morreu uma criança de seis meses du-

rante a viagem. Entre os recém-vindos há 106 adultos, 32 crianças e três crianças de colo. Quanto a procedência, 122 vieram da Prússia, na maioria pomeranos, 9 da Saxônia, 5 da Áustria (de Maehren), 2 de Meclenburgo, 2 de Holstein, 1 de Kurhessen. São católicos, 5, e protestantes, 136. Em geral se declararam satisfeitos com o passeio à bordo, mas houve queixas quanto à água a bordo, que era muito escassa, sobretudo após uma tempestade, quando vários barris de água começaram a vasar, perdendo completamente o seu precioso conteúdo. Ventos contrários obrigaram o barco a cruzar o Mar do Norte durante longo tempo e em seguida permanecer durante 21 dias no Canal Inglês. No dia 19 de dezembro o navio deixou São Francisco, para levar os outros passageiros até Itajaí. Muitos dos nossos imigrantes afirmaram que na Europa houve quem pintasse as coisas aqui muito feias, de maneira que ficaram surpresos e satisfeitos ao verem que, em vários sentidos, a maldade ultrapassou a sua expectativa.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo

MARIA BATISTA NERCOLINI

3º. Capítulo

NOSSA LOCALIZAÇÃO

Estamos localizados no planalto catarinense.

Área: 2.174 km²

População: 35.000 habitantes

Altitude: 1.360 m

Latitude Sul 28º 17' 39"

Longitude 49º 55' 56" de W Gr.

Clima: Frio e seco

Média verão: 18º positivos

Média inverno: 14º negativos

Dos 2.174 km² consta a Sede e os Distritos de Urupema, São Sebastião do Arvoredo e Pericó, lugar de grata recordação, lá vivem a maioria dos meus ex-alunos, gente laboriosa e boa.

O município que antes possuía maior território foi desmembrado 1.100 km² para formar o município de Bom Jardim da Serra em 05.03.1967.

Vejamos a instalação do Distrito, por Theofilo Mattos (jornal Folha Joaquinense).

HISTÓRIA

Téo Filo

BOM JARDIM DA SERRA

(Notas Históricas)

— Pela Lei n.º 4, de 30 de março de 1905, foi criado o 2.º Distrito do Município de São Joaquim, com a denominação de N.S. do Socorro e com sede no lugar São João do Bom Jardim. — A instalação do novo Distrito, com grandes festas, foi realizada a 6 de janeiro de 1907, com a presença do então Superintendente Municipal de São Joaquim, Cel. Cezario Joaquim do Amarante, que estava acompanhado de uma brilhante caravana, composta das seguintes pessoas. — Cel. João B. Ribeiro de Souza — Presidente do Conselho Municipal, Alf. Boanerges Pereira de Medeiros — Secretário do mesmo Conselho Dr. Oscar Scheibler — Promotor Público Cap. Polidoro Paulino dos Santos — Comissão de Polícia,

Prof. Adolfo Martins — Diretor do Colégio 2 de Maio, Gil Brasil — Diretor do Jornal a Gazeta Joaquinense, Prof. Jacinto Flóres e mais pessoas de relevo social de sede do município, que se tornaria longo enumerar.

— Esta comitiva se deslocou da então vila de São Joaquim, sede do município, no dia 5 de janeiro de 1907 e chegou à fazenda do Cap. José Caetano do Amaral na manhã do dia 6, onde foi recebida pelo anfitrião e sua Exma. Família, estando presentes o Ten. Cel. Ezirio Rodrigues Capitães Prudente Vieira, João P. Ribeiro e Emílio Benevenuto Ribeiro. — Às 9 horas celebrou o Rev. Frei Meinrado O. F. missa conventual, invocando a bênção da Divina Providência para o novo Distrito.

Em seguida foi servido lauto almoço que primava não somente pelo escolhido cardápio, como também por seu serviço irrepreensível", dizia a notícia de um jonal da época.

Depois do almoço, bem escorados, todos montaram a cavalo e foram percorrer o perímetro da sede do novo distrito, sendo na ocasião determinado o local da igreja a erigir sob a invocação de N.S. do Socorro, padroeira da futura freguesia. De volta à fazenda do Cap. Amaral, o Cel. João B. Ribeiro de Souza - Presidente do Conselho Municipal de São Joaquim, instalou uma sessão inaugural, ladeado pelo Sr. Superintendente e pelo Dr. Promotor Público da Comarca, tendo também tomado assento à mesa os Srs. Juizes de Paz e demais autoridades presentes, com a presença de grande assistência.

— Aberta a sessão o Sr. Presidente do Conselho efetuou a leitura da Lei que criou o novo Distrito e em seguida declarou-o inaugurado. — Foram então empossados os Juizes de Paz, entrando logo em exercício o Sr. Cap. João Pedro Ribeiro, que nomeou escrivão interino o Sr. Cap. Emílio Benevenuto Ribeiro. Antes de encerrada a sessão, discursou o Sr. Dr. Oscar Scheibler, que entre muitas considerações de ordem programática, disse do interesse do Governo Municipal em proporcionar o engrandecimento e progresso da nova unidade político-administrativa. — Outros oradores se fizeram ouvir, antes de encerrados os trabalhos e lavrada a ata. Logo em seguida foi servida aos presentes uma farta

mesa de doces e finas bebidas.

— E à tarde novo banquete - (assim se pode chamar os jantares que os bonjardinenses costumavam oferecer aos seus hóspedes) no mesma vivenda, rica vivenda aliás, do Sr. Cap. José Caetano do Amaral, onde após esse jantar se reuniram todos nas diversas dependências da fazenda em animadas palestras.

— E no dia seguinte, 7 de janeiro de 1907, a comitiva municipal, tendo pernoitado na referida fazenda, retornou à sede do município, trazendo gratas recordações da bela festa.

— Assim temos para Bom Jardim da Serra, que depois de Bom Jardim, já se chamou - Cambajuvás estas duas datas históricas - Criação do Distrito - 5 de março de 1905. Data da instalação do Distrito - 06 de janeiro de 1907, portanto, deve ser comemorada como da fundação. No próximo número novos dados.

Urubici que tem uma área de 1.293 km² foi desmembrado do município de São Joaquim, foi criado distrito pela Lei n.º 158 de 15 de julho de 1922, seu primeiro Intendente Distrital Hipólito da Silva Matos. O município foi criado pela Lei n.º 274, de 06 de dezembro de 1956, instalado em 03.02.1957.

— o — o —

OURO AQUI

Perguntando a indígenas segundo estórias, o que seria Urubici a resposta OURO AQUI. Verdade ou lenda, os louros trigais substituíram o ouro e a terra dadivosa e boa e ouro na horticultura, na sua economia tão diversificada.

Mas respeitamos a história de que um silvícola que acompanhou a expedição de Manoel Saturnino Oliveira e outros que em 1915 vinha de São Joaquim da Costa da Serra, encontrara um pássaro morto às margens do rio e exclamara: URU-BI CI, então foi declarado o nome da localidade.

— o — o —

AS BELEZAS DA NOSSA NATUREZA

A NEVE

Durante o inverno temos um espetáculo majestoso! A presença da neve.

Campos, matos, casas, tudo reveste-se de branco com espessura de vários centímetros. É festa. O povo sai às ruas, como um desafio ao frio que ela já está acostumada a enfrentar.

Correm, pulam, dançam, esquiavam, fazem batalha de neve, jogando uns nos outros. Ai temos, então a chegada dos turistas, repórteres. A meu ver o trabalho dos repórteres até o momento não corresponde à nossa situação de cidade já com ótimas casas residenciais. São mostrados casebres, e dizem que é onde a neve se mostra mais espessa, não é razão porque ela é uniforme. Por este aspecto climático, já tivemos vários nomes: Suíça Brasileira, Pedaco da Europa, Vale da Neve, Capital do Frio.

RIOS

Da ponta do morro da igreja, ponto mais alto da Serra Geral a 2070 m de altitude nascem os rios Pelotas, Canoas, Lavatudo, Itajaí do Sul e Tubarão. O Rio São Matheos que banha a cidade, o Antonino, o Sumidouro (depois Paisano), o Canoas, o Quebra Dentes, Postinho Mantiqueira, Pericó entre outros.

SERRAS

Espinilho, Mantiqueira, Farofa, Serra dos Pintos, Sta. Bárbara. Com 12 quilômetros de serra de 1500 metros de altura.

CLIMA FRIO E SECO

Desse clima incomparável, produz as melhores frutas, as famosas maçãs de inúmeras variedades, morangos, ameixas, pêssegos, uva e figo. O cultivo da maçã, já foi alguns anos a preocupação de Pedro Medeiros, Paulo Batcke, Aristides Cassão, que como homens de visão previram o avanço dessa fonte de renda, trazendo riquezas ao nosso município.

Por isso de 1.º a 9 de abril de 1978, São Joaquim, apresentou sua Festa Nacional da Maçã, com muito sucesso. Dado as frutas de primeira qualidade, pode mostrar nacionalmente o que possuímos. Para esta festa tivemos o prazer de receber a visita de nosso preclaro Presidente da República General Ernesto Geisel, sendo este o primeiro

presidente a pisar em solo sãojoaquimense.

Além da fruticultura o município é enriquecido pela pecuária, com um bom rebanho. O rebanho de suínos e bovinos também é bom. Ainda existem várias reservas de pinheiros. Juntamos ainda o turismo ramo que recém-começou a ser explorado.

Contavam as famílias mais antigas que encontravam-se com facilidade nas conhecidas taperas, de nossa região, árvores frutíferas: pêssegos, marmelos, figos o conhecido però de maio, ameixa que eram trazidos pelos primeiros moradores.

No fim do século passado Paulo Batcke de quem já falamos trazia da Europa, bacelos dentro de batata inglesa e fazia enxertos, eram maçãs de várias qualidades. (Em sua biografia voltaremos ao assunto). Pedro Medeiros em 1909 fazia propaganda de frutas nacionais e estrangeiras, nacionais prova as encontradas em taperas e estrangeiras os enxertos de Paulo Batcke. Com o andar dos anos veio a tecnologia, num trabalho de técnicos, EMPASC, CIDASC, ACARESC, entrando também técnica e experiência nipônica foi a maçã gerando a riqueza de São Joaquim, para transformá-la na capital da maçã.

— o — o —

Serra do Rio do Rasto, o desafio da natureza, tocado pela mão do homem, que nas suas limitações não pode completá-la. Vejamos o que descreve o professor Enedino Batista Ribeiro, são joaquimense, em 1941, quando falava da obra do "grande arquiteto do mundo". "O catarinense, que ainda não teve oportunidade de fazer a travessia a cavalo, de Novo Horizonte a Bom Jardim e vice-versa, ainda não viu o panorama mais portentoso da sua terra. O viajante chega ao sopé da serra: horizonte acanhado. A primeira impressão é de quem vai ser esmagado por aquela desconforme grandeza talhada em rochas com mais de mil metros de altura; a vista achata-se no obstáculo tremendo da altíssima montanha, cujos cimos beijam as nuvens, roubando-lhe completamente a sensação daquele outro mundo que ele advinha existir lá por cima. Continuan-

do a marcha, o viajante atinge os primeiros peraus e, logo adiante, divisa o Cubículo, a Pedra Cortada; de um e outro lado a montaria renteia abismos terríveis, de onde sopra um ventinho frio, gelando o coração; e a gente tem mesmo que atravessar o próprio coração do "Gigante de Pedra" — é a serra do Rio do Rasto; 8 quilômetros para subir. Mas, aquela sensação de medo vai-se dissolvendo, dando lugar a um agradável sentimento de incontida admiração, diante da extraordinária e indescritível grandeza daquelas paragens. Mata, densa mata, cobre aqueles píncaros, aquelas agudas arestas, aquelas gargantas disformes, onde regatos cristalinos e barulhentos se despejam, corcoveando de queda em queda, riscando de branco o fundo verde-escuro da floresta com alviciência da espuma-rada de suas águas irrequietas; trepadeiras, folhagens lindas, como não as têm palácios de reis, flôres bizarras, perfumando o ar, balouçam-se nos beijos dos itaimbês; e a passarada, na mais rica variedade de cores, enche de sons aquela solidão, com a orquestra mágica de suas vozes, sobressaindo, de longe em longe, o canto metálico da araponga. E, assim, o homem, zigzagando pelas curvas do caminho, aberto na própria rocha, faz a escala da íngreme montanha, com o espírito sempre preso a impressões novas e sensações esquisitas. Mas, afinal o itinerante atinge o alto da serra e, pára: um descanso é indispensável à sua montaria; outra vez fica maravilhado diante do que vê, daquela imensidão que seus olhos descortinam, queda-se vencido e contemplativo ante a visão apocalíptica que ofusca os olhos. A seus pés, abre-se abruptamente aquele abismo arrepiante com mais de mil e quinhentos metros de altura; fere-lhe a retina um imenso panorama, infinito e quase uniforme, aqui e ali, pontado de vilas e cidades; no fundo, muito longe, onde se acaba o poder visual, a fita dourada dos côncavos de areia, dis-cando o azul-marinho das águas do Atlântico. Os acidentes físicos se apegam devido à distância e a vastidão das terras; tem-se, debaixo da vista, os municípios de Orleans, Tubarão e Laguna. Deve ser um dos horizontes mais dilatados que os olhos da criatura humana podem descortinar na superfície do planeta. Reencetada a jornada, a breve trecho, os olhos do viajante, ou-

tra vez passeiam embeberidos na esplêndida perspectiva do hinterland joaquinese, arrepiados por altos serros, sulcados de rios e banhaços, pontilhado de lindos capões, tudo como que altos relevos dos nossos campos, cuja cambiante das cores varia do louro do frugal, no outono ao verde-esmeralda, na primavera. Então o homem se acha pequeno na contemplação daqueles dois mundos tão diferentes, tão próximos e tão longe e a alma foge para Deus, na augusta encantação de sua obra maravilhosa".

Uma homenagem a São Joaquim
no seu primeiro centenário e
ao seu autor

Maria Batista Mercolim

— o — o —

O Correio funcionou desde o final do século passado mais ou menos, Janjão Góss, Aristides Felix Cassão, uns dos primeiros funcionários, em outros capítulos apresentaremos documentos.

TELEFONE

O município dispõe de serviços de DDD e DDI, conta com muito boa receptividade dos principais canais de televisão. O serviço de DDD iniciou-se com 600 assinaturas.

ESTRADAS

O município já ligado a todos os recantos do interior, conta com estradas bem cuidadas, todas encascalhadas.

É ligada por estrada asfaltada à Lages e breve teremos a estrada que ligará o município ao Sul, passando já por Bom Jardim da Serra e com pouquíssimos quilômetros encontrará a Serra do Rio do Rasto.

IMPrensa ESCRITA

Os jornais que circularam em São Joaquim.

1.º — O Cruzeiro, fundado por Manoel Moreira da Silva Reis Junior, 1883 paralisado pela morte de seu fundador. Na direção de Dorval Mattos, o cruzeiro voltou às bancas mas com pouca duração.

2.º — O Bicho — 1901

3.º — A Paz — 1902, dirigido também por Dorval Mattos.

4º. — O Echo da Serra, foi lançado em 1904, por Gil Brasil e Jacinto Flores. Desaparecido em 1906.

5º. — Gazeta Joaquinense que perdurou até 1908. Diretor e professor Adolfo Martins.

6º. — Gazeta ressurgiu em 1910 na direção de Cirilo Luiz Vieira, que durou pouco.

7º. — O Lobo, sobre este então não temos mais informes.

8º. — "CORREIO SERRANO", fundado pelo escritor e jornalista Tito Carvalho em fevereiro de 1919, circulação que encerrou em 1921.

9º. — No período de 1921 circularam:

"Teimoso e A Caveira", na direção do Dr. Nilton Ramos e Hortêncio Goulart.

10º. — Voz Serrana que desapareceu em 1923.

11º. — A Tesoura, dirigida por Teófilo Mattos e outros jovens da Sociedade local, que circulou até 1926.

12º. — O Município, diretor Paulo Batke e como editor chefe Gil Brasil, em 31 de maio de 1929, encerrou com o advento da revolução de 1930.

13º. — A Tribuna, direção de Teófilo Mattos, em 10.05.1931, circulou até 15 de novembro de 1931.

14º. — "IMPrensa JOVEM", direção de Ieda Aparecida Rodrigues e o redator chefe Manoel Rodrigues Borges Neto.

Convém destacar que foram 40 anos, pois o lançamento deu-se em 28 de agosto de 1970.

15º. — O Independente. 1979 direção de Joaquim Galete da Silva.

16º. — A Folha Joaquinense.

(Do arquivo do Pesquisador e historiador Theófilo Mattos).

IMPrensa FAALADA

De 1942 até 1961, funcionou a emissora de propriedade de Teófilo Mattos, "A VOZ CABOCLA", foi a Poneira. É muito gratificante lermos e lembrarmos o que escreveu o Advogado Rubens Furtado enaltecendo o nome caboclo.

"Aqui encerra o seu programa desta noite a Voz Cabocla, ou seja, a voz desse herói anônimo que pelo interior afora, pelos campos e pelas matas, na inconsciência do seu grande mérito, está ajudando a construir uma grande pátria. A voz desse caboclo tisonado de sol, bronzeado pelas intempéries, desse caboclo que pelas coxilhas e serranias tange os rebanhos selvagens e as manadas rebeldes, e que nas selvas bravias abre os claros das derrubadas recundas de que brotam as sérias searas que vitalizam a Nação. A voz do caboclo que vive e se confunde na esplêndida orquestração das foices e dos machados, das pás e dos arados, dos gritos de rodeio e dos estalos de arreador. É a voz desse cruzado magnífico, desse lutador intrépido e indomável, que se filtra e se escoia através deste microfone."

Em 14 de maio de 1963, foi ao ar a Rádio Difusora de São Joaquim Ltda. Fundada e dirigida pelo radialista Sebastião Vieira de Souza.

Devemos dizer e com muita justiça que Sebastião Vieira de Souza, pertence à família tradicional. Elemento atuante na política e na cultura de nosso povo. Casado com Dona Rósita, formavam um dos casais mais elegantes nos salões do nosso aristocrático Clube Astréa.

ERRATA

BLUMENAU EM CADERNOS ABRIL DE 1987
(Correção do original da autora)

Na página 121 (Histórico da Cidade de São Joaquim)

Leia-se "Escola Mixta — Professor: Jacinto Flores"

Professora: Bolinha

Na segunda fila da esquerda para direita sentada: Olga mãe da autora

(as estátuas bíblicas que existem nos ângulos são da igreja atual, autor não identificamos. A primitiva era simples, segundo contrato de 1.º.10.1873 construiu a primeira igreja, João Pedro Lucrécio.

M. B. Nercolini

A VIDA DE UM ALEMÃO NO BRASIL

(Extraído do Calendário para os alemães no Brasil — ano 1899) — Editado pelo W. Rotermund — São Leopoldo — Rio Grande do Sul — (Do diário de Mathias Schmitz, falecido em Theresópolis, Santa Catarina, no ano de 1896) — (Preparado por H. Schauf-fler)

“Após o sofrimento vem a alegria! Este ditado já tornou-se verdade para muitos. Também em minha vida, revestam-se sofrimentos e alegrias.

Talvez seja interessante para mim ou outro, dar um olhar sobre o decorrer de minha vida. É por esta razão que resolvi escrever o que aconteceu comigo. Antes de começar, quero porém pedir que perdoem o meu escrever; desculpar meus erros gramaticais e sim concentrar-se mais no sentido da minha narrativa do que na ortografia.

Já como escolar e mais ainda como adolescente, eu tinha uma aversão enorme pela emigração e principalmente para o Brasil. Somente ao ouvir o nome já sentia arrepios, porque imaginava a terra bem diferente do que mais tarde conheci.

Eu imaginava uma terra totalmente selvagem, onde seus moradores eram seres humanos só na denominação e

que mais se pareciam com animais. Uma terra na qual, atrás de cada arbusto corria-se o risco de ser mordido por uma cobra ou outro animal selvagem.

Uma terra onde não se podia dar um passo em segurança, sem o perigo de ser preso, morto e assado pelos selvagens, que acompanhavam os moradores.

Mas mesmo com todos estes perigos em mente: seja como Deus quiser! Aqui na Alemanha não há futuro para mim. Eu resolvi acompanhar, aos 20 anos, meus pais e mais outros emigrantes para o Brasil.

Onze famílias, entre as quais estavam filhos e filhas já adultos. Partiram certo dia, cantando alegremente, do pequeno lugarejo de Loeffelscheidt no Hunsrück, para um novo lar. Muitos dos emigrantes derramaram lágrimas amargas ao se despedir de parentes e amigos, pois era um adeus para sempre. Depois que paramos por alguns minutos numa elevação, até onde quase todos os moradores do lugar nos acompanharam, eu também com olhos marejados de lágrimas, olhei pela última vez o lugar onde nasci. Por pouco não desistia da viagem, se meus amigos que também partiram não me tivessem encorajado, afirmando sempre que só no Brasil encontraria a felicidade. Logo me senti mais confiante e assoviando alegremente, subi nas caixas e cofres que estavam amontoados numa carroça e lá seguimos pela estrada até o Reno. Numa pequena cidade de nome B., localizada lá mesmo, pernoitamos. O cuidado com a bagagem ficou a cargo dos mais velhos e nós moços, fomos à próxima taberna, onde, com uma boa garrafa de vinho e alegres brincadeiras, permanecemos até o dia raiar. Logo de manhã, caixas e malas foram levadas até o vapor que nos levou até Koeln. Ficamos um dia nesta bela cidade; admirava surpreso as bonitas vitrines. Visitei a igreja, on-

ção numa prece pedi proteção a Deus para a viagem que teríamos que enfrentar. No outro dia, era 10 de outubro, seguimos de trem para Ostende, uma cidade na Bélgica e de lá partiríamos até a cidade de Dunquerque, na França, onde nos esperaria um veleiro que nos levaria ao Brasil.

Antes que eu continue na descrição de minha viagem, preciso mais uma vez retornar ao meu lugar de nascimento, para esclarecer melhor os leitores sobre a minha partida, e aos desagradáveis acontecimentos que se seguiram.

No ano anterior, 1845, antes de emigrarmos, foi fundada no Brasil uma nova cidade de nome Petrópolis (residência de verão do imperador) e que diziam fora colonizada quase exclusivamente por alemães. Por este motivo o governo brasileiro fez um contrato com um certo armador de nome D., da cidade portuária de Dunquerque, na França, e que por conta do governo brasileiro levaria certo número de emigrantes até a cidade do Rio de Janeiro, para colonizar Petrópolis. Para reunir estes emigrantes, o citado senhor D. contratou vários agentes que angariavam pessoas interessadas em vir ao Brasil. Verdade é que o número de emigrantes aquele ano foi tão grande que ultrapassou o número estipulado. Apesar do governo brasileiro correr com todas as despesas dos emigrantes, estes ainda eram enganados e explorados pelos agentes. Tinham muitas vezes que entregar até a última moeda que possuíam. No ano seguinte, ano em que eu emigrei, os agentes espalharam que mais um determinado número de emigrantes podia partir para o Brasil, e somente as despe-

sas até a cidade portuária seriam por conta de cada um. Além de tudo, o Brasil era lembrado como paraíso na terra. As pessoas recebiam boa terra e uma bonita casa, tudo livre de qualquer despesa. Não era de admirar portanto que tantas pessoas se punham a caminho do Brasil. Na maioria eram pessoas que na Pátria nada mais tinham a perder e que mal conseguiam reunir o dinheiro para chegar à cidade portuária da França. Mas muitos pensavam: "você conseguirá levar os teus, mesmo que tenhas que passar fome e sede, serás recompensado pelo governo; ele prometeu e deverá cumprir a promessa". Mas tudo foi bem diferente. Logo que os emigrantes chegaram a Dunquerque, o armador exigiu o preço da passagem na íntegra, dos que queriam ir ao Brasil. Mesmo o argumento de que o governo se incumbiria do pagamento ele não aceitou. Sua resposta foi de que ele nada tinha com o governo brasileiro, e que cada um devia cuidar de si mesmo. Agora então tivemos o conhecimento de que fomos enganados e alguns que ainda possuíam um pouco de dinheiro pagaram o exigido. Alguns veleiros foram aprontados para receber os emigrantes. A maioria no entanto tinha que aceitar o destino. Não podiam seguir para o Brasil e o que era pior, também não podiam voltar. Quem encontrava trabalho na cidade ficava e muitos foram mendigar. Diariamente o número de enganados aumentava de tal maneira que a cidade sofreu uma enchente de alemães, que por força maior tiveram que pedir seu pão na porta de moradores. A miséria tornou-se por fim tão grande que o governo francês expediu vários navios com es-

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

tes alemães logrados para a África, só para livrar a cidade do excesso de pessoas. Por fim nenhum emigrante podia mais passar a fronteira da França sem apresentar antes um certificado do armador D., no qual constava que o frete da bagagem estava pago e D. se comprometia oferecer hospedagem e comida ao referido emigrante, e quando se apresentasse oportunidade, enviaria o mesmo ao Brasil.

Justamente nesta época, cerca de 40-50 famílias, entre as quais eu também me encontrava, estávamos prontos a viajar de Ostende para a cidade portuária Dunquerque. Aconteceu um grande contratempo. Recebemos a notícia de que não nos era permitido atravessar a fronteira sem apresentarmos o exigido certificado. Se não tivéssemos dinheiro suficiente para cobrir as despesas seria melhor voltar para casa. O último nada nos agradou. Já não tínhamos mais casa nem propriedade. Por felicidade estava conosco o agente do armador D., por ordem do qual nós empreendemos a viagem. Este se vira obrigado a nos acompanhar, porque eu estava de posse de algumas cartas do agente e se as mesmas caíssem em mãos da polícia, ele seria preso e invariavelmente condenado por fraude. Somente o medo levou-o a interceder junto ao armador D. para que fôssemos transportados, não de todo gratuitos, mas por um preço baixo. Este agente, como ele mesmo contara, também tinha sido enganado pelo armador, pois o mesmo lhe afirmara que as condições da viagem eram as mesmas do ano anterior, isto é, por conta do governo brasileiro. (citado agente, mais tarde teve que abandonar a Europa clandestinamente, porque era perseguido pela polícia). Veio ao Brasil, onde eu pessoalmente falei com ele, pois ficou vários dias na Colônia Alemã. Logo desapareceu e foi encontrado mais tarde esfarrapado, morto de fome

e sede, numa mata próxima. Teve um fim horrível.

Nós permanecemos alguns dias em Ostende e neste meio tempo, o agente foi procurar o armador para tratar de nossa viagem. Certo dia veio o armador pessoalmente e começou o debate e os acordos. Primeiro o mesmo não estava interessado em negociar, mas, por fim concordou em aceitar 40 Taler para pessoas acima de 12 anos e 20 Taler para pessoas abaixo de 12 anos. Muitos não tinham nem esta soma e novos debates se iniciaram. Por último o armador deu-se por satisfeito com 2/3 do preço. Começou então nova negociação entre os passageiros emigrantes, quem tinha dinheiro emprestava ao que nada tinha, para pagar quando chegasse ao Brasil. Eu mesmo pedi emprestado 50 Taler para cobrir as despesas de meus pais e irmãos. Sobraram assim mesmo 11 famílias; 3 da minha região, que não conseguiram dinheiro suficiente para a passagem. Estas famílias mais tarde foram acompanhadas pela polícia até a fronteira e enviados de volta à cidade de onde vieram. Que estes tiveram um destino lamentável é compreensível, pois tinham vendido tudo o que possuíam.

Agora que a negociação com D. terminara, foram providenciadas carroças que transportavam caixas, caixotes, malas e pessoas até a cidade portuária.

Chegamos diante das portas da cidade onde a polícia não permitiu nossa entrada até a chegada do armador, para que este assumisse a responsabilidade de todos nós, no que se referisse a alimentação. No porto estava ancorado um navio com destino ao Brasil e já algumas famílias encontravam-se nele. A este foi logo transportada nossa bagagem e nós também embarcamos, podendo pernoitar no navio.

No dia seguinte (era, se não me engano, 19 de outubro), o veleiro levantou âncora e partimos. Éramos 220

peessoas a bordo; todos emigrantes e fomos logo atacados pelo enjôo. Todos procuravam um canto para deitar-se. Não sentíamos nem fome nem sede. Logo que esta fase terminou e nós melhoramos, um mal bem pior nos surpreendeu. Era disenteria que uma família trouxera a bordo. Esta terrível doença atacou a quase todos, inclusive a tripulação! Que miséria reinava entre os doentes! Aqui alguém gritava por água, acolá outro pedia para morrer. Desta doença morreram durante nossa viagem (6 semanas), 27 pessoas, na maioria adultos, cujos corpos eram atirados ao mar. Numa noite, eu me lembro, 3 corpos de uma só vez foram atirados ao mar. De várias famílias morreram o pai e a mãe deixando de 4 a 5 crianças pequenas mas que logo foram acolhidas por outras famílias caridosas. Comida tinha o suficiente, mas o capitão não entregava. Mesmo para um doente não se obtinha nem um pouco de água para fazer uma sopa, imaginem outro alimento. Quando tentávamos explicar a necessidade de um doente e que o mesmo implorava por comida, ele apenas respondia: Nada! Morre! Bom para os peixes! e vivava as costas. Uma única vez, depois de implorar muito, ele me vendeu uma garrafa de vinho por 5 francos para meus pais. Mas em compensação, numa outra ocasião quando pedi água, para um doente, a xícara me foi derrubada com um tapa na mão e jogada no mar. A comida que recebíamos era demais para morrer e muito pouco para viver. Consistia em "água com café", batatas semi-apodrecidas, um pouco de carne salgada e pão velho. Se nós pelo menos tivéssemos recebido somente pão e água, já teríamos ficado satisfeitos. Mas era água duvidosa que diziam ser café, às 10 horas da manhã, e às 4 horas um pratinho de água morna com pedaços minúsculos de carne salgada ou cabeças de peixes salgadas. Esta foi a alimentação dia

após dia, durante todas as semanas de viagem. Como ficávamos contentes quando chovia e podíamos recolher a água e guardávamos até a última gota. Se nós tivéssemos levado tanto tempo para a viagem como outros navios que chegaram ao Brasil, isto é, 5 a 8 meses, nenhum de nós teria sobrevivido. Os que não morreram de disenteria teriam morrido de fome e de sede.

Quando a viagem já estava chegando ao fim e a miséria da comida aumentava, todos os pais de famílias e jovens, postaram-se armados diante da cabine do capitão e exigiram comida e água ou se vingariam. Isto resultou em efeitos positivos. O comandante mandou buscar pão e distribuiu boa quantidade a todos. Também um barril com água potável apareceu e todos puderam saciar sua sede. Igualmente a cozinha apresentou uma comida melhor, mas isto foi só um dia; depois tudo continuou como antes.

No que se refere ao tempo, a nossa viagem foi boa. Somente uma vez tivemos que enfrentar um temporal e todos tiveram que recolher-se nos camarotes. Neste temporal um mastro foi derrubado, mas não sofremos outros danos.

Certo dia, após 6 semanas em alto mar, quase mortos de fome, avistamos terra: era o Brasil. A alegria que todos sentíamos era imensa, pois agora estávamos livres da prisão e só um grito percorria o navio: Terra! Todos que podiam, arrastavam-se até o convés do navio, para certificar-se de que era verdade mesmo. A terra crescia à nossa frente e ancoramos perto da cidade. Agora estávamos num continente estranho, cheios de esperança e angústia, separados para sempre da pátria. Aqui pretendíamos encontrar a felicidade. Todos que podiam permaneceram no convés admirando a grande cidade do Rio de Janeiro.

Não muito tempo o navio estava ancorado, quando recebemos, vindo em

uma canoa, um alemão, que serviria de intérprete e um médico. Por estes senhores fomos interrogados sobre nossa viagem e nosso tratamento a bordo. Foi então que podemos contar tudo o que nos acontecera. Logo o médico foi visitar os doentes, dos quais ainda tinham muitos. Receitou remédios que mandou buscar na cidade. O capitão recebeu a ordem de cuidar com uma melhor alimentação, principalmente para os doentes. Esta ordem foi cumprida. A partir de então os doentes receberam, em vez de água morna, até uma canja com carne de galinha. Os outros também receberam comida melhor; repentinamente havia tudo o suficiente. Os tempos mudaram para nós. O comandante andava mau humorado pelo navio e se pudesse teria atirado a comida ao mar. O médico vinha diariamente visitar os doentes e verificar a alimentação. Até na cozinha entrava para olhar o que estava sendo preparado para nós. Vinham também várias canoas até o navio levar frutas, principalmente bananas e laranjas, que para nós era a comida preferida.

Foi aqui que eu vi pela primeira vez em minha vida negros. Em cada canoa vinham 2 ou 4 remadores. Eram bem pretos, dentes alvos, cabelos crespos, estatura robusta, sem camisas ou camisetas, só vestidos com uma velha calça que lhes ia até os joelhos. O calor era muito grande e o suor corria-lhes pelo corpo fazendo-os brilhar como ébano. Ao vê-los pela primeira vez, senti um calafrio percorrer meu corpo. Perguntava a mim mesmo como era possível escravizar estas pessoas, pois eram seres humanos como nós.

Dez dias tivemos que permanecer

a bordo, antes que pudéssemos ir à terra. Diziam que era por causa da doença, pois os brasileiros tinham medo que a mesma se espalhasse pela cidade também. Mas eu acreditava que o motivo era bem outro e pela seguinte razão: desde que tínhamos chegado, vinha um senhor, que parecia ser um funcionário no Rio. Este homem vinha em companhia de outros e um intérprete alemão. Trazia uma grande folha de papel que estava escrito em português e alemão. O que queriam? Este senhor tinha grande áreas de terra numa região onde fazia bem mais calor, mas do nome não me lembro. Estas terras ele queria colonizar com alemães. Eis o motivo porque trazia aquela folha de papel e que os alemães teriam que assinar. De acordo com o escrito, cada alemão receberia 200 mcrgem de terra para um certo preço. Os primeiros três anos nada precisávamos pagar; só a partir dos três anos, tendo 6 anos para o pagamento. Quem não tivesse feito até então o pagamento teria que pagar juros. O proprietário também prometeu uma longa ajuda em alimentos e ferramentas, que poderíamos pagar mais tarde. Teríamos que assinar o contrato e o mesmo navio nos levaria ao destino. Foi justamente a mim que escolheram para ler o papel; provavelmente acreditando que eu era o mais entendido em escrita. Depois de ter analisado tudo muito bem eu disse: "todos podem fazer o que acharem melhor, mas eu, meus pais, meus irmãos, queremos primeiro desembarcar, estar em terra firme. Ali quero informar-me e se achar conveniente, então assinarei. Numa terra estranha não se pode assinar qualquer compromisso à primeira vista". Depois

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

que eu falei isto os senhores voltaram à terra. Mas no dia seguinte voltaram e assim faziam diariamente. Por fim viram que tudo dependia de mim e prometeram-me uma gratificação, mesmo terra sem pagamento, se eu convencesse os outros a assinar o contrato. Mas eu estava firme em meu propósito de primeiro desembarcar. Mais tarde soube por um alemão fugitivo daquela região, que devido ao péssimo clima quase todos morriam.

Quando o comandante viu que não chegávamos a nenhum acordo, ele nos liberou depois de 10 dias da nossa chegada. Na cidadezinha, Praia-Grande, que ficava defronte ao Rio, fomos liberados. No mesmo dia o capitão mandou chamar todos ao convés e exigiu de nós o restante do frete, pois D. só tinha pago 2/2 do mesmo. O comandante alegou que o armador lhe mandara cobrar o restante na chegada e se não fosse efetuado o pagamento ele podia embargar toda a bagagem. Agora o desespero era grande, ninguém tinha mais dinheiro. Os homens pediram, as mulheres imploraram, mas nada adiantou; sem nossos haveres fomos desembarcados. O que fazer agora? Para onde ir? Lá estávamos deitados todos na praia, até que alguns brasileiros acercaram-se de nós, indicando por gestos um rancho abandonado que poderíamos ocupar. Lá tínhamos que passar a noite sem comida, sem bagagem, sem cama, o que seria de nosso futuro? As mulheres começaram a lamentar a sorte, as crianças choravam, outros rezavam, outros discutiam. Algumas mães vendo o desespero dos filhos, foram a uma padaria e por sinais indicavam que queriam pão para seus filhos famintos, no que também foram atendidas.

Também eu fiquei a noite toda analisando a situação. Num país estranho, onde não se conhecia ninguém, os 5 francos que me restaram tinham ficado a bordo numa caixa. O que fa-

zer? Mas eu tinha que encontrar uma solução! Resolvi então seguir numa das canoas na manhã seguinte até o Rio e procurar o cônsul da Prússia. O dinheiro para a canoa pediria emprestado de uma pessoa que ainda tivesse algum. Quando amanheceu fui até a cidadezinha a procura de uma canoa que me levasse ao Rio. No caminho encontrei um senhor, que pela aparência parecia alemão e o interpelei. Realmente era alemão e vivia na cidade. A sua pergunta, confirmei que pertencia ao grupo de imigrantes recém-vindos e contei-lhe nosso drama. O mesmo achou por certo procurar o cônsul e se dispôs a acompanhar-me. Antes convidou-me à sua casa para um café, o que não aceitei, explicando-lhe que precisava primeiro solucionar o problema de meus companheiros; mas eu o esperaria mais tarde no galpão. Contento regressei e contei aos meus amigos que tinha encontrado uma pessoa que nos ajudaria. Nem meia hora depois o meu conhecido chegou. Pegamos uma barcaça a vapor e fomos até o Rio. Lá procuramos primeiro o cônsul da Prússia, mas fomos muito mal recebidos por ele. Disse-nos ele que tinha outras coisas a fazer do que cuidar de imigrantes, que deveriam ter ficado de onde vieram. Quando estávamos novamente na rua, meu companheiro sugeriu procurar outro cônsul, fosse ele de Hamburgo ou Bremen ou outro europeu. Fomos bem recebidos pelo cônsul de Hamburgo. Tive que contar toda nossa viagem, o mau trato que recebemos, etc. Então soube que o armador D. estava desacreditado pelo governo brasileiro, porque no ano anterior tinha acontecido muitas irregularidades. O cônsul pediu que nós o acompanhássemos e o mesmo nos levou para um salão onde estavam reunidos alguns senhores, que logo mostraram-se interessados em minha história. Pediram o nome do comandante e do veleiro, prometendo tomar

providências e que nossa bagagem ainda seria liberada naquele dia. Contentes nos despedimos, agradecendo todas as gentilezas. Era hora do almoço e eu sentia uma fome terrível, pois não comera durante todo dia. Meu novo amigo sofria do mesmo mal e convidou-me para comer, o que também fizemos e ele pagou a despesa.

Ao sair do restaurante, tivemos que esperar um bom tempo até a chegada da barcaça. Meu amigo mostrou-me um pouco a cidade. Vi bonitas vitrines; no mercado enorme quantidade de laranjas, das quais chupamos algumas. Meu companheiro não cabia em si de contente porque pudera ajudar-nos.

O comandante, por ordem do Rio, entregou aos imigrantes seus objetos. Mas infelizmente muito ainda faltava; algumas espingardas, tachos, panelas de cobre, caixas foram arrombadas e o conteúdo roubado. Minha própria mala, duplamente fechada fôra arrombada. No dia seguinte eu pretendia procurar o cônsul outra vez para explicar o que acontecera.

Um dos males estava solucionado, mas logo apresentou-se outro. Panela tínhamos, mas nada para por dentro e com o qual pudéssemos acalmar nossa fome. Ainda vivíamos na esperança de que o governo cuidaria de nós, mas estávamos enganados. Nada aconteceu. Restava apenas uma solução: mendigar, apelar para o bom sentimento dos moradores e assim fizemos. As mulheres se puseram a caminho e também foram bem recebidas; trouxeram provisões e até dinheiro.

Eu mesmo estava sentado num monte de lenha em frente ao rancho, pensando numa solução.

Estava resolvido a escrever uma carta ao imperador pedindo auxílio e eu pessoalmente entregar-lhe esta carta.

Redigi a carta, contando o que nos havia acontecido na viagem e de

nossa atual situação. Depois eu queria mandar traduzir o escrito e possivelmente encontraria outra pessoa caridosa que nos ajudasse. Expliquei o plano aos meus companheiros de infortúnio e pedi que, quem pudesse ajudasse com um pouco de dinheiro. Todos concordaram entusiasmados e conseguiram a soma de 8 mil réis. Levei mais um jovem de nosso grupo, bastante vivo para acompanhar-me. Precísavamos de auxílio para não morrer de fome. No dia seguinte partimos para o Rio, pedimos informações a um dono de restaurante alemão, sobre uma pessoa que pudesse traduzir nossa missiva e ele nos forneceu e endereçou o nome de uma pessoa capacitada em fazê-lo. Fomos procurá-lo e ele fez o que pediramos. Pagamos 4 mil réis pela tradução e lá partimos em direção ao palácio imperial. Quando chegamos, soubemos que o imperador não encontrava-se no palácio, mas sim na sua residência em São Cristóvão, 2 horas distante do Rio. Para não perder muito tempo e chegar logo, tomamos um fiacre por 400 Rs. e em uma hora chegamos ao nosso destino.

Na residência imperial, entramos primeiro num grande e lindo jardim e a primeira pessoa que encontramos foi o jardineiro, que era alemão de nascimento. Cumprimentamo-nos alegremente, contamos nossa desdita e explicamos o que queríamos. Pedimos ao jardineiro que nos acompanhasse para servir de intérprete. Não demorou muito e este regressou com a notícia que o imperador nos receberia.

Quando fomos anunciados ao imperador, ficamos nervosos e nosso coração batia com força. O jardineiro, vendo nosso receio, encorajou-nos e disse que o imperador era um homem bom e compreensivo.

Mais confiantes subimos a escadaria e nos dirigimos ao salão onde estava o imperador. Logo que nos viu, veio ao nosso encontro sorrindo amá-

vel e nós nos sentimos mais a vontade. Entregamos a nossa carta que leu com atenção. Fez várias perguntas e nossas respostas foram interpeladas. O imperador prometeu ajudar-nos a tomar todas as providências necessárias para resolver nossos problemas. Satisfeitos e alegres nos despedimos cerimoniosamente e saímos. Conversamos mais um pouco com o jardineiro que nos convidara à sua casa. O caminho de regresso tivemos que fazer a pé pois como era tarde, já não havia mais nenhum fiacre.

Agora manifestava-se a fome. Compramos um pedaço de pão, um pedaço de carne e tomamos um copo de aguardente. Quando chegamos ao porto verificamos que não havia mais barcaça que nos transportasse ao outro lado. Soubemos que após às 18 horas, o preço pelo transporte estava liberado. Podiam cobrar o preço mais elevado. Como tínhamos apenas 1 mil réis, estávamos em apuros, mas nada adiantou conversar com os negros. Eles por sinais, nos faziam entender que queriam 4 mil réis pela travessia, o que realmente não tínhamos. Perto um senhor escutou a nossa conversa sinalizada e condoendo-se, pagou 4 mil réis e mandou que o negro nos levasse até o outro lado. Mais uma vez sentimos a gentileza dos moradores. Ao chegarmos, tivemos que contar com todos os detalhes o nosso encontro com o imperador. A alegria foi total, mas cedo demais; novamente nós nos sentimos enganados. Dia após dia passava e nada acontecia. A necessidade de alimentos tornou-se tão grande, que fomos obrigados outra vez a esmolar. Havia muitos moradores que ajudavam de bom coração; outros batiam a porta quando nos viam e analisando as cons-

tantas visitas que nos fazia aquele homem, querendo que assinássemos o compromisso para ir às suas terras, me fez pensar que talvez eles estivessem impedindo a ajuda prometida. Mais uma vez resolvi procurar o imperador. Novamente fiz uma carta e mandei traduzi-la e junto com o tradutor fui procurar o imperador, que desta vez encontrava-se no palácio. Pedimos que os guardas anunciassem e recebemos permissão para entrar. Já não sentia mais receios e confiante subi as escadas. O imperador nos recebeu num grande salão, mas não estava sozinho. Vários senhores estavam presentes. Entreguei outra vez a minha cartinha, quando o mesmo veio ao nosso encontro, e uma irritação profunda espelhou-se em seu rosto, quando a leu. Chamou um dos presentes e comentaram sobre o que eu havia escrito. Em seguida se dirigiu a nós e gentilmente falou-me, pediu desculpas de que tínhamos esperado tanto tempo em vão, mas agora tudo seria resolvido; que eu fosse tranqüilo para junto dos meus. Um pedido no entanto não podia conceder; ao Rio Grande do Sul não nos poderia enviar. No entanto havia três províncias que poderíamos escolher, Santa Catarina, São Paulo e Espírito Santo. Podíamos pensar a respeito e mais tarde quando interrogados, dizer por qual nos decidiríamos. Contentes deixamos a sala de audiência e voltamos para casa, transmitindo a mensagem do imperador. A alegria não foi tão estrondosa como a primeira, mas grande foi a satisfação que sentimos quando à tarde veio uma canoa carregada com alimento; carne, pão, café, açúcar, arroz, feijão, trigo, sal, etc.

Agora terminara nossa miséria.

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

Todo dia vinha uma canoa nos trazer o necessário durante um mês, tempo que estávamos recolhidos à Praia-Grande. Durante este tempo pesquisamos qual das três Províncias seria a melhor. Todos aconselharam a de Santa Catarina. Diziam que o clima era saudável e os alemães ainda seriam estabelecidos próximos da cidade. Portanto nos decidimos por Santa Catarina.

Certo dia chegaram vários barcos e nossa bagagem assim como nós, fomos transportados a um veleiro brasileiro. Levantando âncoras, partimos em direção a Província de Santa Catarina. Fomos muito bem tratados; comida e água suficientes. O único problema era o espaço. O navio era pequeno para tanta gente, e a maioria permanecia no convés. Algumas vezes fomos surpreendidos por fortes chuvas e ficamos molhados até os ossos. Depois de uma viagem de seis dias, chegamos sãos e salvos ao porto de Santa Catarina. Ainda no mesmo dia fomos levados em barcos, com todos os pertences, até a cidade e lá instalados num grande galpão. Na cidade fomos bem recebidos, porque os alemães tinham fama de bons trabalhadores e nós éramos os primeiros a chegar depois de 20 anos.

Nos primeiros dias recebíamos diariamente mantimentos, assim como no Rio. Apesar de que nada tínhamos a reclamar da comida, para nós seria de maior valor um auxílio financeiro. Alguns dos companheiros foram procurar o presidente da Província e explicar o caso. Este ficou satisfeito porque economizaria nas contas. Agora a diária por pessoa era de 160 Rs., que pagavam pontualmente cada mês. Era em verdade muito pouco, mas dava para viver, porque os alimentos eram baratos. Muitos conseguiram trabalho na cidade durante o dia e podiam economizar um pouco para o futuro. Este auxílio recebemos por 18 meses.

Algumas horas de viagem da cida-

de, na estrada imperial para Lages, cidadezinha no planalto, receberíamos terra. Junto a uma estrada! Isto é de grande vantagem para a colônia, pensei, quando soube da notícia. Estávamos na cidade cerca de 2 meses, quando fomos notificados de que seríamos transferidos para nossas terras. E realmente, no mesmo dia ainda fomos transferidos com tudo o que possuíamos de barco, para a outra margem e mais horas e horas ric acima. Ali fomos instalados primeiro em casas particulares brasileiras, até que uma família após outra fosse levada de carro de boi.

Não chegamos logo à nossa terra porque as medições não tinham terminado. Três horas de caminhada a partir do último morador e floresta adentro, fora construído um grande barraco onde todas as famílias foram alojadas.

Eu me recordo da minha surpresa quando vi a estrada imperial. Na Europa eu nunca vira uma estrada tão ruim. Coberta por mato onde rasgava-se a roupa, com cada passo atolado na lama até os joelhos. E esta era a estrada principal da Província.

Hoje em dia pode-se afirmar que parece com uma estrada.

Logo depois de minha chegada ao barraco, eu fui em companhia de meu melhor amigo, fazer uma visita a São Pedro de Alcântara, colonizada há 20 anos passados (1826) por alemães e que distava um dia de viagem da nossa. Enrolado em um pano algumas peças de roupas, nos pusemos a caminho, para chegar no dia da festa do Espírito Santo. Depois de caminhar um trecho, fomos obrigados a tirar as pesadas botas, pois atolávamos na lama a cada metro. Depois da chuva nos dias passados, os riachos estavam altos e pontes não existiam. Algumas vezes tivemos que cruzar riachos com água até o peito. Certo riacho meu amigo atravessara bem e eu valente-

mente o segui, mas num instante perdi o contato com o chão e fui arrastado pela água. Numa margem consegui alcançar um galho e segurar firme, depois de recuperado do susto e com o auxílio de um amigo alcancei a margem. Estava molhado até os ossos; troquei de roupa e seguimos caminho. A noite nos surpreendeu antes de chegarmos à colônia e não tivemos outra escolha a não ser procurar um abrigo. Ao longe vimos o brilho de uma fogueira e nos dirigimos para lá; encontramos dois negros junto a um fogo e por sinais lhes explicamos que queríamos abrigo, se o permitissem. Os dois concordaram e nos indicaram um lugar perto da fogueira. Cansado da viagem nos deitamos para descansar. Dormir foi impossível devido ao frio. Na Europa também senti frio, mas nada podia ser comparado com o que sentia agora. Nos sentamos junto ao fogo, aquecendo uma vez o lado direito outra o lado esquerdo, mas de nada adiantava. Os dentes batiam e quase não conseguia pronunciar palavra. Com meu amigo acontecia o mesmo. Ficamos aliviados quando ouvimos um galo cantar. Logo que o dia clareou deixamos o rancho, pois pensar em café ou outra comida não adiantava. Quando saímos da porta, a terra sob nossos pés se partia e olhando em volta vimos tudo branco; a região estava coberta por uma grossa camada de gelo. Foi a primeira geada que vi no Brasil. Felizmente o caminho melhorava para nós e não tivemos mais que tirar as botas. Se tivéssemos que fazê-lo, ou ainda cruzar um rio a nado, teríamos morrido de frio. Ficamos felizes quando após meia hora de caminhada chegamos a uma casa cujo dono era alemão. Tiritando de frio entra-

mos e ele nos acolheu com uma xícara de café. Também nos serviram um bom almoço e muito tivemos que falar sobre a Europa, da qual já há 20 anos não haviam mais ouvido falar.

Acendemos nossos cachimbos e novamente continuamos a nossa jornada. Após uma hora alcançamos nosso destino. Na pequena colônia perguntamos por uma hospedaria, que não existia, mas os moradores contentes e hospitaleiros, chamaram-nos e ofereceram suas casas, porque todos estavam ansiosos em ouvir algo de sua terra natal.

Com a instalação e a vida dos alemães neste lugar fiquei muito satisfeito; parecia que tinha voltado para a Alemanha. No dia seguinte na festa, reuniram-se muitos alemães, homens, mulheres e crianças, todos vinham a cavalo dos lugares mais distantes para assistir os cultos nas igrejas. Tanto aqui como na Alemanha, notei que os moradores não desligavam-se dos divertimentos, pois logo que a missa terminou, o povo seguiu para o lugar de dança. Apesar da música só ser executada por uma clarineta e um violino, foi uma satisfação enorme observar o colorido e a alegria do povo. Ao anoitecer, muitos retiraram-se para suas casas e outros ficaram até amanhecer. Nós que estávamos cansados, deitamos cedo, agora numa boa cama e dormimos até que o sol nos despertou. Permanecemos alguns dias na colônia visitando um e outro colono; sempre bem recebidos. Ficamos surpresos com a boa instalação de todos, grandes e verdes pastagens com gado bonito e saudável. Com o firme propósito de trabalhar com afinco, afim de chegar também a possuir uma propriedade tão próspera, regressamos ao nosso rancho.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

Alguns dias depois desta viagem manifestei o desejo de visitar as medições das terras destinadas para nós. Parti em companhia de um jovem que já nascera aqui; queríamos chegar até onde trabalhavam os homens. Espingarda sobre o ombro, um grande facão na cintura, um saco com mantimentos, estávamos prontos para partir. Como ainda não existia uma estrada, mas sim somente uma picada, em alguns lugares tivemos que arrastar-nos no chão. Tínhamos esperança de chegar antes do anoitecer ao local onde os homens trabalhavam, mas assim não aconteceu. A noite nos surpreendeu e nada de homens. Eu fiquei com medo da noite na floresta, onde já durante o dia não se via nem 5 passos à frente. Tateamos ainda no escuro até que a escuridão fosse completa e nos obrigasse a ficar no lugar. Acendemos uma fogueira e pudemos ver um pouco à nossa volta. Com o clarão das chamas, vimos que estávamos próximos a um riacho, o que foi muito bom, pois pudemos saciar nossa sede e preparar algo para comer. Depois de fortificados fomos deitar. Eu não conseguia dormir com todo o ruído que o vento fazia nas folhagens. Já pensava em índios e animais selvagens; fiquei feliz quando vi o dia clarear. Partimos para nossa jornada e após uma caminhada de duas horas chegamos ao local de trabalho dos homens. Ficaram surpresos e contentes quando nos viram. Como recepção prepararam uma boa xícara de café. Ficamos com eles o dia todo e também à noite. Na manhã seguinte empreendemos a caminhada de regresso bem cedo, para não sermos surpreendidos pela noite novamente.

Quando a terra terminou de ser medida, recebemos nossa parte; quanto maior a família maior a terra. Rapazes sem família recebiam 100 braças de largura e 1.000 braças de compri-

mento (200 morgem); pais de família recebiam 125-200 braças de largura e 1.000 de comprimento. Agora chegou a hora de trabalho. Enquanto os pais e filhos munidos de machados, facas, foices e facão começavam a preparar a terra para construir um rancho, as mulheres e crianças pequenas permaneciam no galpão comum. Semana após semana o trabalho continuava e aos poucos o terreno tomava forma. As casas improvisadas foram ocupadas e iniciou-se a construção do mobiliário e o trazer dos pertences até a colônia. Não era um trabalho fácil, porque o caminho era apenas uma picada. Tudo que era trazido levaria pelo menos algumas horas de viagem. Por fim tudo estava em seu devido lugar e a família pode começar a semear. Os primeiros anos ainda foram cheios de dificuldades, mas depois também isto normalizou-se e as colheitas foram mais gordas.

Dia após dia clareava a floresta e sempre mais crescia a colheita. Muitos anos passaram-se e a colônia prosperou. Todos os colonos que vieram comigo ao Brasil prosperaram e chegaram a uma razoável estabilidade. A viagem a Desterro para a qual naquele tempo gastava-se dois dias, hoje se faz em um dia. O ditado: "após o sofrimento segue a alegria", concretizou-se nesta colônia.

Tão pouco como eu, todos os outros sentem mais saudades da Europa. Aqui em Theresópolis, no Brasil, Santa Catarina, encontraram sua felicidade.

Theresópolis, 1867.

N.B. O senhor H. Schaufler que transcreveu este artigo para o senhor Mathias Schmitz, foi professor na escola de Theresópolis por muitos anos.

— DIA 2 — No Teatro Carlos Gomes, teve início o Ciclo de Palestras e conferências sobre as relações Brasil/Alemanha.

* *

— DIA 2 — Na cidade de São Joaquim, o editor desta revista, jornalista José Gonçalves, proferiu palestra sobre a evolução da revista Blumenau em Cadernos nos quase trinta anos de circulação ininterrupta, seus objetivos, as metas alcançadas, etc... Aproveitou também para incentivar a juventude joaquinesa a lançar-se no terreno literário, buscando, junto à pessoas de avançada idade, colher subsídios para o enriquecimento da história de sua cidade. Elogiou o trabalho da pesquisadora Prof.^a Maria Batistoti Nercolini, pela matéria que vinha publicando na citada revista.

* *

— DIA 4 — Mais de mil pessoas participaram durante o dia das festividades de inauguração do Centro Comunitário do Zendron, na rua Amazonas. A solenidade de entrega foi às 9 horas, presidida pelo prefeito Dalto dos Reis que, ao falar sobre a obra, disse que "com este Centro Comunitário, recuperado e ampliado após as cheias de 1983/84, pretendemos repetir o sucesso que conseguimos no bairro Fortaleza, onde existe outro centro idêntico a este".

* *

— DIA 7 — No Salão dos Executivos do Diário Catarinense, realizou-se a solenidade e o coquetel de lançamento do livro "Beco da Lamparina", do escritor Flávio Cardoso.

* *

— DIA 9 — Foi aberta, nos pavilhões da PROEB, a Quinta Festa do Cavalo, a cuja solenidade de abertura estiveram presentes centenas de pessoas.

* *

— DIA 9 — Segundo informações prestadas pelo Secretário de Agricultura ao prefeito Dalto dos Reis, foi iniciada, neste dia, uma programação visando a distribuição de milhares de mudas de café aos interessados que residem no município.

* *

— DIA 10 — No saguão da FURB, foi aberta a exposição dos pintores e escultores contemporâneos do Paraná, em solenidade realizada às 20:00 horas. A promoção foi da FURB através da Divisão de Promoções Culturais e Serviço Social do Comércio.

* *

— DIA 10 — A Fundação "Casa Dr. Blumenau" firmou convênio com a Fundação Nacional Pró-Memória, através da Biblioteca Nacional, para que a entidade blumenauense possa proceder a microfilmagem de pequenos periódicos considerados "reservados", dado ao seu valor histórico. O valor do convênio é de 15 mil cruzados.

* *

— DIA 15 — O Dia Nacional da Conservação do Solo, foi mar-

cado em Blumenau pela realização de uma palestra com o professor e pesquisador mineiro, Angelo Barbosa Monteiro Machado, que falou sobre a "Conservação da Natureza e Educação", no anfiteatro da FURB.

* *

— DIA 20 — Segundo informou a Secretaria de Agricultura ao prefeito Dalto dos Reis, nada menos do que 50 (cinquenta) mil mudas de Morango estavam sendo distribuídas desde o início da semana, para o plantio em hortas de fundo de quintal, à população blumenauerse. As mudas foram da variedade Lassen e entregues na sede da SEAGRI mediante encomenda.

* *

— DIA 23 — Sob os auspícios do Departamento de Cultura do Município, a Galeria Municipal de Artes promoveu a exposição "Coletiva de Artistas da BLUAP", a partir das 20 horas. Foram aproximadamente 30 artistas locais que expuseram seus trabalhos.

* *

— DIA 23 — Sendo o Dia Mundial do Escotismo, o 5.º Distrito de Escoteiros de Blumenau festejou o acontecimento com um vasto programa cívico.

* *

— DIA 30 — O show "Blumenália 87", em sua terceira edição, foi realizado neste dia no Terminal Rodoviário "Hercílio Deeke", com grande sucesso.

* *

— DIA 30 — Na Sociedade Recreativa Indaial, foi realizada a noite de autógrafos com o lançamento do livro do indaialense Wilmar Marcos Harbs, intitulado "O meu Mundo está em Paz?". O ato teve o apoio da Prefeitura de Indaial. O livro de Harbs foi composto e impresso nas oficinas gráficas da Fundação "Casa Dr. Blumenau".

Cobrança de impostos em Gaspar

(Blumênauer-Zeitung — ano 8 — n.º 44 — sábado, 03 de novembro de 1888)

Sob a rubrica de "Ao Público" foi publicado o seguinte:

Constando que alguns tipos andam propalando que na sedição do dia 27 da Freguesia do Gaspar me tiraram o revólver e que fugi. — Declaro solenemente que é calúnia, sai mais cedo do que desejava, por insistência de dois amigos particulares que lá se encontravam quando por mais de uma hora eu me encontrava entre um grupo de mais de 300 pessoas exaltadas. Parti com meu animal vagarosamente, e ainda conversando com várias pessoas, algumas me acompanharam ainda até além da ponte de Gaspar Grande, e a partir dali segui o caminho sozinho, levando duas horas para chegar a Blumenau, trajeto que geralmente faço em 1/2 hora e até menos. Posso provar com o amigo Francisco da Cunha Silveira que soube (ainda que tarde) era Blumenau do perigo que estava correndo em Gaspar, pois o mesmo vinha

em meu auxílio, mas eu já me encontrava a meio caminho da cidade. Se eu pretendesse fugir, não teria ido, pois fui avisado pelo vereador Jacob Zimmermann e pelo fiscal de Gaspar que pretendiam me matar: Asseguro portanto aos tipos covardes e caluniadores que de lá não fugi, fiz minha retirada com as honras da guerra, porque até a presente data, nunca fugi de perigos, e revólver não tenho, e para lá não levei nem mesmo canivete.

É verdade que fui muito insultado em relação ao cargo que ocupo na Câmara Municipal, sofri até empurrões, tive que enfrentar gritos como: fora, morra, etc., também ouvi, mas consegui convencê-los que estavam errados, afirmando-lhes que já não era mais funcionário da Prefeitura. Tudo que acabo de dizer, posso provar com testemunhas.

Blumenau, 28 de outubro de 1888.

ass: Manoel Agostinho Demoro

P.S. Ainda que tivesse fugido, em nada me desonrava a fuga, porque era impossível resistir sozinho a mais de 300 pessoas exaltadas.

Esta revolta em Gaspar foi motivada porque o cobrador havia ido cobrar os impostos para Blumenau e os moradores instigados se naviam negado a pagar (sic).

(Blumenauer-Zeitung — ano 8 — n.º 48 — sábado, 01 de dezembro de 1888)

Os revoltados pagadores de impostos em Gaspar chegaram a conclusão que nada adiantava protestar e negar o pagamento, como todos os cidadãos o fazem. Muitos já efetuaram o pagamento em atraso e outros o farão dentro de alguns dias. Somente um famigerado sujeito, que tem o princípio republicano de não pagar de maneira nenhuma os impostos. Se todos tivessem pago seus impostos como deviam, teriam evitado o lamentável processo e fugido da ameaça de pagar com o apoio militar.

GALERIA MUNICIPAL DE ARTES FOI INAUGURADA COM BOM PÚBLICO

Um bom público prestigiou a inauguração das novas instalações da Galeria Municipal de Artes, apresentando a mostra de meia centena de trabalhos do artista octagenário Luís Emmerich, e que foram reunidos alguns de seus mais significativos trabalhos em aquarela e óleo em tela, a maioria enfocando o aspecto natureza, suas caçadas e pescarias. Alguns de seus trabalhos foram trazidos de acervos parti-

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

cuíares, mas que ressaltaram a temática abordada pelo professor e artista plástico.

O novo espaço possibilitará o desenvolvimento das artes plásticas, oportunizando a descoberta de novas vertentes e valores culturais, graças ao apoio e incentivo do prefeito Dalto dos Reis.

Segundo o prefeito Dalto dos Reis "a inauguração de um novo espaço artístico no prédio do Centro de Cultura que a Prefeitura mantém na cidade, reservando a todos os artistas um local específico para a exposição de suas obras, faz parte de um programa de apoio que desenvolvemos à classe." "Nossa idéia — diz ele — é ampliar cada vez mais esses espaços como o que temos feito ao longo dos últimos quatro anos. Neste período promovemos várias obras de recuperação no antigo prédio da Prefeitura, onde está o Centro de Cultura, como forma de buscarmos as linhas originais daquilo que serviu de sede da Administração Pública Municipal.

Ao mesmo tempo também nos preocupamos — continuou o prefeito — em levar a cultura local a vários pontos da cidade, através da realização do Blumenália.

Homenagem póstuma ao Dr. Fritz Mueller

Esta revista não poderia deixar de homenagear o célebre cientista e naturalista que foi o Dr. Fritz Müller, cidadão que mais destaque deu à Colônia Blumenau no mundo das ciências, por meio de suas obras e pesquisas aqui realizadas.

Por iniciativa da Fundação "Casa Dr. Blumenau" que tem à sua frente como ativo presidente do Conselho Curador o Dr. Affonso Rabe, e colaboração dos membros do Conselho Curador, foram prestadas homenagens póstumas ao citado naturalista Dr. Fritz Müller, que viveu aqui em Blumenau desde 1852 até a sua morte em 21 de maio de 1897, homenagem esta que constou em uma singela cerimônia com depósito de flores no seu túmulo, com a presença de seus descendentes, familiares, do representante do governo municipal e de grande número de estudantes de várias instituições de ensino desta cidade bem como de muitos admiradores do célebre cientista e concidadão. — Na ocasião, após as palavras do presidente do Conselho Curador da Fundação e discursos dos dirigentes da ACAPRENA e da Assessoria do Meio Ambiente da Prefeitura Municipal, o Sr. Frederico Kilian distribuiu aos presentes, exemplares do fascículo intitulado "Dr. Fritz Müller — Desterro" contendo o necrológio que por ocasião do passamento do ilustre sábio o seu amigo e contemporâneo Dr. Ernst Haeckel publicou na Alemanha no jornal "Jenaische Zeitschrift" e a notícia do seu falecimento, publicada no jornal local "Blumenauer-Zeitung", n.º 22 do mês de maio de 1897, ambos em tradução para o vernáculo, da autoria do bisneto do falecido, o Juiz de Direito do Rio de Janeiro, aposentado, Dr. Richard Paul Neto, ora residente na vizinha cidade de Timbó e de cujo fascículo transcreveremos no próximo número o que o "Blumenauer-Zeitung" publicou naquela edição de maio de 1897.

NOSSO NOVO OBJETIVO

Conforme estamos divulgando na primeira página desta revista, acabamos de iniciar contatos com empresários e pessoas blumenauenses e de outras cidades catarinenses que têm interesses comerciais em Blumenau, para obter recursos destinados a erguer, com paredes de tijolos, a pequena casa que abriga nossa oficina gráfica, a qual tem garantido as edições normais desta revista e também a composição e impressão de numerosos livros de literatura, técnicos, etc.

Está claro que, neste país, tem-se vivido constantes crises que preocupam a todos. Todavia, mesmo assim, nenhuma das tantas empresas e pessoas que estão relacionadas na lápide que marcou a conclusão do prédio que foi construído para a Biblioteca "Dr. Fritz Müller" e o Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva", negou-se a dar seu auxílio, algumas com mais, outras com menos valor, mas todos os valores acima de qualquer expectativa. E com isso, o prédio foi concluído e tudo está pago, graças a esta união de esforços.

Agora surge esta nova meta. Estamos contatando com as mesmas empresas e pessoas que nos ajudaram anteriormente e outras mais. Os primeiros contatos já nos deram a certeza de que seremos auxiliados e, assim, dentro de alguns meses, a nossa oficina estará mais bem abrigada e um pouco mais livre de problemas de enchentes. Tudo isto reverterá em favor de toda a comunidade, porque é a ela que sempre prestamos e haveremos de prestar serviços, no campo da cultura e da história. Antecipadamente o nosso muito obrigado pela colaboração de todos.

A direção

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador *Presidente — Afonso Rabe; vice-presidente — Antonio Pedro Nunes.*

Membros: Elimar Baumgarten — Rolf Ehlke — Nestor Seára Heusi — Ingo Wolfgang Hering — Martinho Bruning — Urda Alice Klueger — Frederico Blaul — Frederico Kilian — Olivo Pedron.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA